

Circulating craft knowledge:

reflections on materials, artisans and traditions from São Miguel, Azores

Circulação do saber artesanal:

reflexões sobre materiais, artesãos e tradições de São Miguel, nos Açores

Circulating craft knowledge:

reflections on materials, artisans and traditions from São Miguel, Azores

Circulação do saber artesanal:

reflexões sobre materiais, artesãos e tradições de São Miguel, nos Açores

This publication is based upon work from the COST Action *Connecting Critical Pedagogies, Inclusive Art Forms and Alternative Barometers for Urban Sustainability - CIRCUL'ARTs*, CA23117, supported by COST (European Cooperation in Science and Technology).

COST is a funding agency for research and innovation networks. Our Actions help connect research initiatives across Europe and enable scientists to grow their ideas by sharing them with their peers. This boosts their research, career and innovation.

Esta publicação baseia-se no trabalho da Ação COST *Connecting Critical Pedagogies, Inclusive Art Forms and Alternative Barometers for Urban Sustainability - CIRCUL'ARTs*, CA23117, apoiada pela COST (Cooperação Europeia em Ciência e Tecnologia).

A COST é uma agência de financiamento de redes de investigação e inovação. As nossas ações ajudam a conectar iniciativas de investigação em toda a Europa e permitem aos cientistas desenvolver as suas ideias, partilhando-as com os seus pares. Isto impulsiona a sua investigação, carreira e inovação.

The Azores Centre for Crafts and Design (CADA) is the Azorean Government agency responsible for the development and recognition of regional handicrafts. It promotes professional training, supports artisanal production units, and coordinates various initiatives related to the sector. https://artesanato.azores.gov.pt/

O Centro de Artesanato e Design dos Açores (CADA) é o organismo do Governo dos Açores responsável pelo desenvolvimento e pela valorização do artesanato regional, promovendo a formação profissional, o apoio às unidades produtivas artesanais e a coordenação de iniciativas diversas ligadas ao setor. https://artesanato.azores.gov.pt/

The Carlos Machado Museum is a century-old public institution whose mission is to preserve, study, and disseminate the vast and valuable heritage of the Azores — a heritage which testifies to the history, culture and identity of the Azorean people, deeply connected to the land and sea. A guardian of memory and an expression of cultural diversity, the Museum promotes dialogue and builds bridges between generations. It has established itself as a space for knowledge, discovery, and cultural participation, open to the local community and to visitors from around the world.

O Museu Carlos Machado é uma instituição pública centenária que assume a missão de conservar, preservar, estudar e divulgar um vasto e valioso património, testemunho da história, da cultura e da identidade de um povo insular, profundamente ligado à terra e ao mar. Guardião de memórias e expressão da diversidade cultural açoriana, o Museu estabelece uma ponte entre gerações, promove diálogos e afirma-se como um espaço de conhecimento, descoberta e participação cultural, aberto à comunidade e ao mundo.

Table of Contents

FOREWORD PREFÁCIO 4

Relations of Making Relações do Fazer 10

The Life of a Ceramic Mug A Vida de uma Caneca de Cerâmica 28

Strange Girl, A New Door Uma Estranha Rapariga, uma Porta Nova 40

Granger of the Island Granger da Ilha 50

Second Life, Life Lessons: Listening to a Banana Plant
Segunda Vida, Lições de Vida: Escutar uma Bananeira 54

Wicker: Handed Down, Woven Through
Vime Entrelaçado, Legado Herdado 62

Contributors' bios Notas biográficas 68

FOREWORD

Amanda Tavares

Morana Jarec

PREFÁCIO

Amanda Tavares

Morana Jarec



CIRCUL'ARTs – *Connecting Critical Pedagogies, Inclusive Art Forms and Alternative Barometers for Urban Sustainability* (COST Action 23117) – is a four-year European research and networking initiative running from October 2024 to October 2028. Coordinated by Universidade Lusófona in Lisbon, Portugal, the Action convenes an international and interdisciplinary network of researchers, artists, cultural institutions, civil society organisations, and other practitioners interested in developing new approaches to urban circularity and sustainability.

CIRCUL'ARTs understands circularity as a broad process of sharing and renewing resources both material and immaterial, including historical and vernacular knowledge, local solidarity practices, community experiences, and alternative ways of understanding the myriad relationships that exist between people and their environments. Its central methodological aim is to bring together diverse, local, ancestral, and indigenous forms of knowledge and connect them with artistic and creative practices. It therefore understands artistic production not simply as an outcome, but as a method for producing

O projeto CIRCUL'ARTs – *Connecting Critical Pedagogies, Inclusive Art Forms and Alternative Barometers for Urban Sustainability / Conectando pedagogias críticas, formas de arte inclusiva e barómetros alternativos para a promoção da sustentabilidade urbana* (COST Action 23117) – é uma iniciativa europeia de investigação e criação de redes com a duração de quatro anos, entre outubro de 2024 a outubro de 2028. Coordenada pela Universidade Lusófona, em Lisboa, Portugal, a Ação congrega uma rede internacional e interdisciplinar de investigadores, artistas, instituições culturais, organizações da sociedade civil e outros profissionais interessados no desenvolvimento de novas abordagens à circularidade e à sustentabilidade urbanas.

CIRCUL'ARTs entende a circularidade como um grande processo de partilha e renovação de recursos, tanto materiais como imateriais. Isto inclui saberes históricos e vernaculares, práticas de solidariedade locais, experiências comunitárias e formas alternativas de compreender as múltiplas relações que existem entre as pessoas e os seus ambientes. O principal objetivo metodológico do projeto é reunir diversas formas de conhecimento — locais,



6

ancestrais e indígenas — e articulá-las com práticas artísticas e criativas. Deste modo, entende a produção artística não apenas como um resultado, mas como um método de produção de conhecimento, promoção do diálogo e co-criação de um futuro mais sustentável.

Em abril de 2026, em parceria com o Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, a equipa CIRCUL'ARTs organizou um evento de três dias, dirigido à comunidade académica e ao público em geral, intitulado *Inspiração para Futuros Circulares: Território, Saberes e Comunidade*. Contando com mais de sessenta participantes, o programa combinou encontros e apresentações académicas com visitas de estudo a oito oficinas de artesanato e organizações locais, todas registadas no CADA (Centro de Artesanato e Design dos Açores). Estas visitas, que foram documentadas pelos fotógrafos locais Mariana Lopes e Hugo França, proporcionaram a um pequeno grupo de investigadores em início de carreira a oportunidade de recolher dados qualitativos através de entrevistas e participação em workshops práticos. Ao explorarem abordagens criativas à circularidade, os investigadores refletiram sobre as práticas artesanais enquanto formas de conhecimento ecológico e ligado ao território, e recolheram informações sobre as dimensões históricas e contemporâneas da sustentabilidade e da memória cultural.

Esta publicação apresenta os trabalhos criativos desenvolvidos por alguns dos investigadores na sequência destas visitas. Composta principalmente de contributos colaborativos, pretende documentar e partilhar os conhecimentos relacionados com alguns dos materiais escolhidos e aos locais a eles associados: a lã (Casa de Trabalho do Nordeste), a cerâmica (Cerâmica Vieira), o vime (João e Alcídio Andrade) e as fibras de bananeira (MUSAZ). Na Casa de Trabalho do Nordeste, por exemplo, os participantes ficaram a conhecer o ciclo tradicional da lã nos Açores, as técnicas de tecelagem que perduram até hoje e a sua relação com outras práticas culturais das ilhas. Por sua vez, a visita à Cerâmica Vieira ofereceu uma perspetiva sobre a longa tradição familiar de produção artesanal de cerâmica, numa combinação de formatos tradicionais com uma visão empresarial. O workshop realizado com a MUSAZ no *vaga – espaço de arte e conhecimento* –

knowledge, facilitating dialogue, and co-creating a more sustainable future.

In April 2026, in partnership with the Museu Carlos Machado in Ponta Delgada, CIRCUL'ARTs organised a three-day scholarly and public engagement event entitled *Inspiring Circular Futures: Territory, Knowledges, and Community*. With over sixty participants, the programme combined meetings and academic presentations with field trips to eight local craft ateliers and organisations, all of which are registered with CADA (Centro de Artesanato e Design dos Açores – Azores Centre for Crafts and Design). These visits, documented by local photographers Mariana Lopes and Hugo França, provided an opportunity for a small group of early-career researchers to conduct qualitative data collection via interviews and hands-on workshops. Looking to explore creative approaches to circularity, the researchers reflected on craft practices as forms of ecological and place-based knowledge, and collected information about the historical and contemporary dimensions of sustainability and cultural memory.

This booklet gathers the creative outputs developed by some of the researchers following these visits. Largely comprising collaborative contributions, it aims to document and share knowledge related to a few selected materials and their associated locations: wool (Casa de Trabalho do Nordeste), pottery (Cerâmica Vieira), wicker (João and Alcídio Andrade), and banana fibres (MUSAZ). At Casa de Trabalho do Nordeste, for example, participants learned about the traditional Azorean wool cycle, its enduring weaving techniques, and its relationship to other cultural practices on the island. The tour of Cerâmica Vieira, in turn, offered insights into long-term family-based artisanal pottery production, combining traditional designs with entrepreneurial outlooks. The workshop with MUSAZ, held at the arts and knowledge organisation *vaga,* demonstrated a contemporary approach to circularity that involved transforming biowaste into fibres for craft, art, and design. Finally, the visit to wicker artisans Alcídio and João Andrade highlighted an unusually integrated production process, including material treatment in the volcanic waters of Furnas.

Overall, these encounters demonstrated a circularity which, in the Azores, goes far beyond



simply reusing resources, and is in fact deeply rooted in sustaining the ever-evolving relationships that exist between generations, landscapes, skills, and livelihoods. Our visits also raised a number of important questions: How can these crafts survive and endure in a world so heavily influenced by digital platforms and globally manufactured products? How can we, as outsiders, responsibly circulate the knowledge generously shared with us? Can art help us to honour these traditions while also allowing space for our own experiences and understandings?

Our hope is that this booklet can contribute to the circulation of this knowledge by showing how these crafts have inspired us, and why other audiences – local and global, young or more experienced – should know and care about them. For this, we developed a series of mapping exercises, sketches, short stories, visual poems, collages, crosswords, and reflective texts, and placed them in dialogue with images by Mariana Lopes, whose practice embodies a longstanding engagement with São Miguel's artistic community. With these pieces, we invite you to explore the relationship between artisans and the island's landscape, to reflect on shared processes of craft learning, and to recognise the importance of keeping traditions alive through artistic expression. ■

– deu a conhecer uma abordagem contemporânea à circularidade, assente na transformação de resíduos orgânicos em fibras para a realização de trabalhos artesanais, artísticos e de design. Por fim, a visita aos artesãos do vime Alcídio e João Andrade pôs em evidência um processo de produção incomum e integrado, que inclui o tratamento dos materiais nas águas vulcânicas das Furnas.

De um modo geral, estes encontros mostraram que, nos Açores, a circularidade vai muito para além da simples reutilização de recursos: ela está, efetivamente, enraizada nas relações entre as gerações, as paisagens, os saberes e os modos de subsistência, e estes vínculos estão em constante evolução. As nossas visitas levantaram também várias questões importantes: como podem estes ofícios sobreviver e perdurar num mundo tão influenciado pelas plataformas digitais e pelos produtos fabricados em escala global? Como podemos nós, enquanto pessoas de fora, divulgar de forma responsável os conhecimentos que nos foram tão generosamente transmitidos? Poderá a arte ajudar-nos a honrar estas tradições, ao mesmo tempo que abre espaço para as nossas próprias experiências e perceções?

A nossa expectativa é que este livreto possa contribuir para a circulação destes conhecimentos. Queremos demonstrar o modo como estas atividades nos inspiraram e os motivos pelos quais outros públicos — locais e globais, jovens ou mais experientes – deveriam conhecê-los e deles cuidar. Para isso, desenvolvemos uma série de exercícios de mapeamento, desenhos, contos breves, poemas visuais, colagens, palavras cruzadas e textos de reflexão, colocando-os em diálogo com as imagens de Mariana Lopes, cuja prática materializa um compromisso de longa data com a comunidade artística de São Miguel. Com estas peças, estendemos o convite de explorar a relação entre os artesãos e a paisagem da ilha, de refletir sobre os processos partilhados de aprendizagem dos ofícios artesanais, e de reconhecer a importância de manter vivas as tradições através da expressão artística. ■



Relations of Making

Holly Dale, Amadea Kovič, Valbona Fejza

Relações do Fazer

Holly Dale, Amadea Kovič, Valbona Fejza



This chapter approaches the theme of craft at three distinct yet overlapping scales: in terms of an island of connections, spaces of making, and materials, tools, and the hand.

Through interviews, first-hand observation of craft practices, and drawing what we encountered, we began to trace the relationships that hold each instance of craft together. Drawing became a way of looking more closely, revealing connections between materials, processes, people, and places that are difficult to see when these constituent elements are considered on their own.

Read together, the three pieces understand craft not as an isolated object, but as an evolving relationship between people, place, and practice. Individually, they each reveal something different: the networks and communities that sustain a practice; the geography, spaces and resources that shape that practice; and the embodied knowledge held within materials, processes, and objects.

O presente capítulo aborda o tema do artesanato a três escalas distintas, mas que se sobrepõem: em termos de uma ilha de ligações, dos espaços do fazer, e dos materiais, ferramentas e a mão.

Traçamos as relações presentes em cada manifestação de artesanato através de entrevistas, da observação direta das práticas artesanais e do desenho. Desenhar tornou-se uma forma de observar mais atentamente, revelando ligações entre materiais, processos, pessoas e lugares – conexões estas que são difíceis de ver quando estes elementos constitutivos são considerados isoladamente.

Lidos em conjunto, estes três níveis permitem entender o artesanato não como objeto isolado, mas como uma relação em constante mutação entre pessoas, lugares e práticas. Individualmente, cada nível revela algo diferente: as redes e comunidades que sustentam uma prática; a geografia, os espaços e os recursos que a moldam; e o conhecimento incorporado nos materiais, processos e objetos.

An Island of Connections: Networks, People, Economies, Histories, and Futures

Valbona Fejza

The diagrams are intended to reveal the broader picture of the artisans and their practices by locating each atelier within its specific geographical context on the island. Although they may appear small, behind each point on the map lies a complex and layered story, one that contributes to the cultural, social, and economic value of São Miguel and the Azores.

Each map tells the story of an individual artisan or atelier through four distinct layers:

Orange – Social
This layer explores the origins of the atelier in question: the artisan's initial idea, personal motivations, and the social and cultural influences that have shaped their practice.

Blue – Process
This layer traces the moment of making itself, revealing the techniques, materials, knowledge, and stages involved in the production process.

Green – Network
This layer maps the connections that sustain the practice, including professional and community networks, selling points, collaborations, and sources of financial support.

Brown – Future
This layer looks ahead, focusing on the skills and knowledge needed to carry the craft forward, as identified and envisioned by the artisans themselves.

Uma Ilha de Ligações: Redes, Pessoas, Economias, Histórias e Futuros

Valbona Fejza

Os diagramas revelam o panorama geral dos artesãos e artesãs e das suas práticas, situando cada oficina no seu contexto geográfico específico na ilha. Embora possam parecer pequenos, por detrás de cada ponto no mapa existe uma história complexa e multifacetada que contribui para o valor cultural, social e económico de São Miguel e dos Açores.

Cada mapa conta a história de um artesão, artesã ou oficina individuais em quatro camadas distintas:

Laranja – Social
Esta camada explora as origens da oficina em questão: a ideia inicial por detrás da criação dos objetos, as motivações pessoais e as influências sociais e culturais que moldaram a prática.

Azul – Processo
Esta camada traça o próprio momento da criação, revelando as técnicas, os materiais, os conhecimentos e as etapas envolvidas no processo de produção.

Verde – Rede
Esta camada mapeia as ligações que sustentam a prática, incluindo redes profissionais e comunitárias, pontos de venda, colaborações e fontes de suporte financeiro.

Castanho – Futuro
Esta camada olha para o futuro, centrando-se nas competências e nos conhecimentos necessários para dar continuidade à prática, tal como identificados e imaginados pelos próprios artesãos e artesãs.

The diagrams reveal that there is no single path to sustaining a craft, nor a fixed recipe for how a practice should begin, develop, or endure. Indeed, passion and patience emerge as essential conditions for all artisans to enter into, develop, and sustain their craft practice. At the same time, the networks that form around their work can open paths beyond what was initially anticipated. Connections with people, places, and other practices can lead to unexpected collaborations, opportunities, and encounters, and may give rise to new reasons to continue and further develop the craft.

Although the crafts represented in the diagrams differ considerably in terms of materials, techniques, histories, and scales of production, they share a common thread: the enjoyment found in the process of making. This relationship with the process is closely intertwined with a relationship to nature. This pertains not only in the use of locally available materials, but also in an understanding of their qualities, cycles, limitations, and potential. To be sure, working with natural materials frequently involves caring for and nurturing the environments from which they originate.

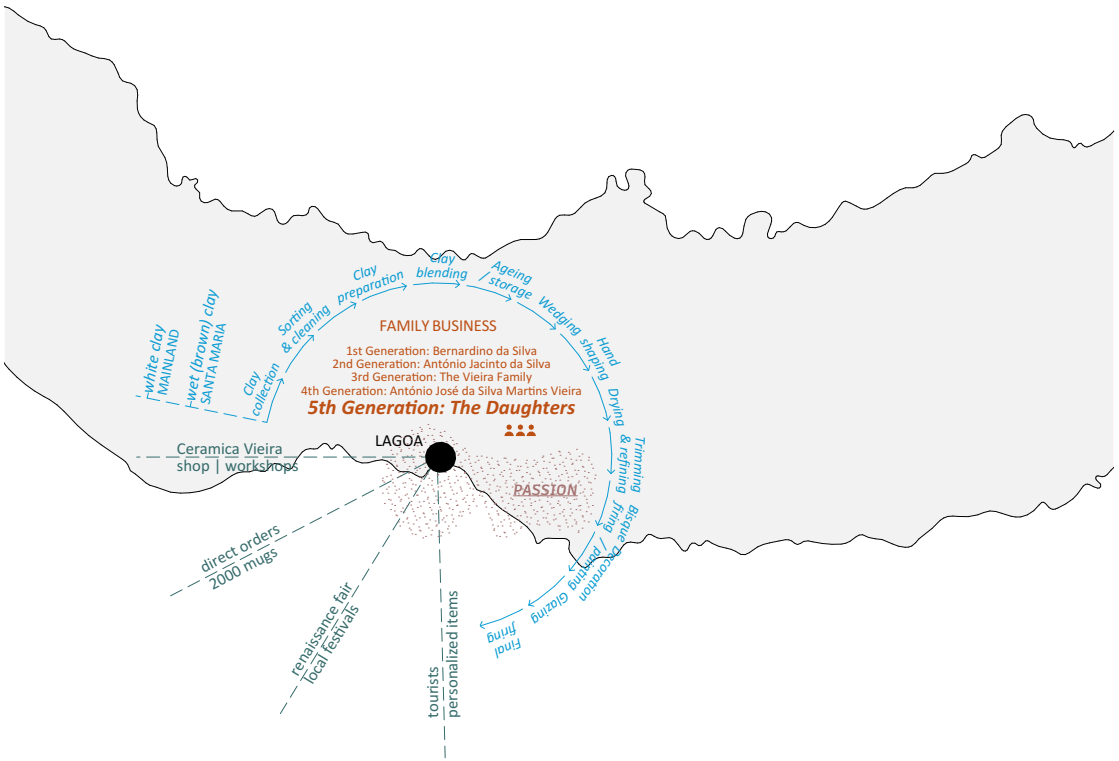
The origins of these practices are equally diverse. Some crafts are passed on from one generation to the next, carrying with them accumulated knowledge and family traditions, while others emerge from individual curiosity, experimentation, or a desire to learn something new. Together, these stories suggest that, as a set of practices, craft cannot be reduced to a predetermined method for doing or completing something. Rather, it is shaped continuously through experience, relationships, material encounters, and a willingness to remain engaged with the process. What connects these practices is therefore not a common recipe, but a shared capacity to adapt, learn, and find meaning in making.

Os diagramas revelam que não existe um único caminho para sustentar uma prática artesanal, nem uma fórmula fixa para determinar como esta deve começar, desenvolver-se ou perdurar. Efetivamente, em todos os casos, a paixão e a paciência emergem como condições fundamentais para iniciar, desenvolver e manter a prática artesanal. Ao mesmo tempo, as redes que se formam em torno do seu trabalho podem abrir caminhos para além do que inicialmente se previa. As ligações com as pessoas, os lugares e outras práticas podem originar colaborações, oportunidades e encontros inesperados, e suscitar novas razões para continuar e desenvolver a arte.

Embora os ofícios representados nos diagramas sejam consideravelmente diversos no que se refere aos materiais, às técnicas, às histórias e às escalas de produção, partilham um denominador comum: o prazer encontrado no processo de criação. Esta relação com o processo está estreitamente ligada com a natureza, não só no que se refere à utilização de materiais disponíveis localmente, mas também à compreensão das suas qualidades, ciclos, limitações e potencial. Com efeito, trabalhar com materiais naturais implica frequentemente cuidar e proteger os ambientes de onde estes provêm.

As origens das práticas analisadas são igualmente diversas. Alguns ofícios são transmitidos de geração em geração, trazendo consigo conhecimentos acumulados e tradições familiares, enquanto outros nascem da curiosidade individual, da experimentação ou do desejo de aprender algo novo. Combinadas, estas histórias sugerem que o artesanato, enquanto conjunto de práticas, não pode ser reduzido a um método predeterminado de fazer ou produzir algo. Pelo contrário, é continuamente moldado pela experiência, pelas relações, pelo contacto com os materiais e pela disponibilidade de permanecer envolvido no processo. Aquilo que une estas práticas não é uma fórmula comum, mas uma capacidade partilhada de adaptação, aprendizagem e descoberta, e de encontrar sentido no ato do fazer.

Cerâmica Vieira (ceramics)



Social • **Social**

Family business	**Empresa familiar**
1st, 2nd, 3rd, 4th generations	**1ª, 2ª, 3ª e 4ª gerações**
5th generation: the daughters	**5ª geração: as filhas**

Network • **Rede**

Cerâmica Vieira: shop, workshops	**Cerâmica Vieira: loja, workshops**
Direct orders: 2000 mugs	**Encomendas diretas: 2000 canecas**
Renaissance fair, local festivals	**Feira renascentista, festivais locais**
Tourists, personalized items	**Turistas, artigos personalizados**

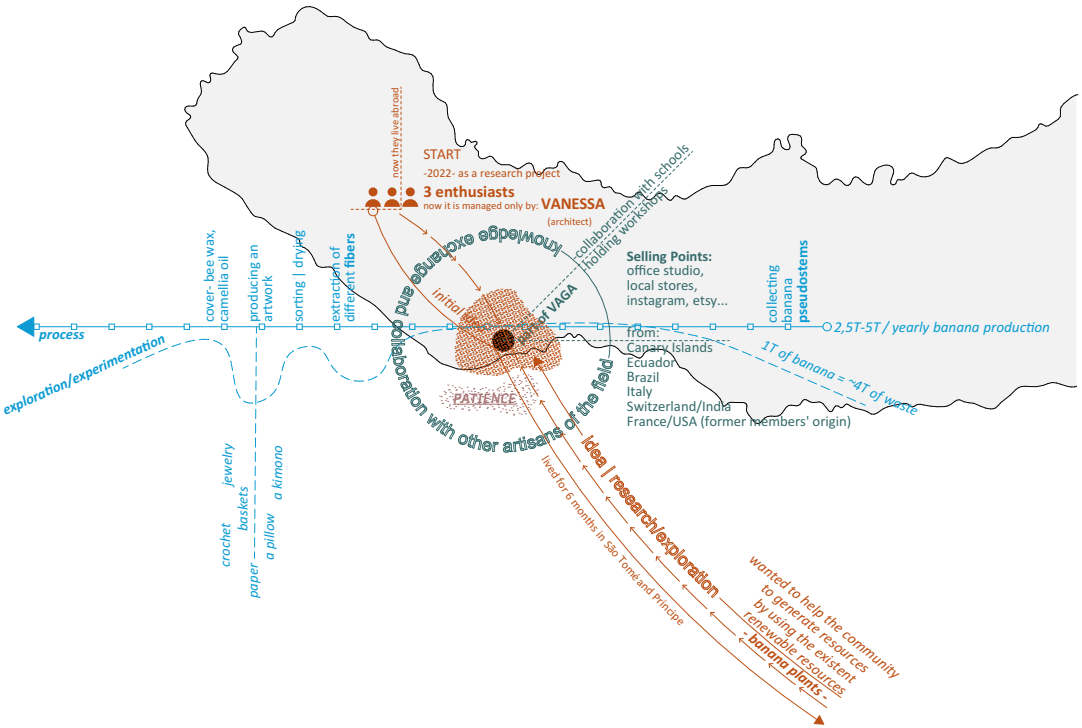
Process • **Processo**

White clay → mainland	**Barro branco → continente**
Wet (brown) clay → Santa Maria	**Barro vermelho → Santa Maria**
Clay collection →	**Recolha do barro →**
Sorting & cleaning →	**Seleção e limpeza →**
Clay preparation →	**Preparação →**
Clay blending →	**Mistura da pasta →**
Ageing / storage →	**Envelhecimento / descanso →**
Wedging →	**Sova da massa →**
Hand shaping →	**Modelação manual →**
Drying →	**Secagem →**
Trimming & refining →	**Acabamento e refinamento →**
Bisque firing →	**Primeira cozedura →**
Decoration / painting →	**Decoração / pintura →**
Glazing →	**Vidrado →**
Final firing	**Queima final**

Future • **Futuro**

Passion → **paixão, entusiasmo**

MUSA - Vanessa Melo (banana fibers)



Social • **Social**

Start: 2022 as a research project
3 enthusiasts
Now it is only managed by Vanessa (architect)
2 others live abroad

Início: 2022 como projeto de investigação, 3 entusiastas
Atualmente é apenas gerido por Vanessa (arquiteta)
Outros 2 vivem no estrangeiro

Idea: research / exploration
Wanted to help the community, to generate resources by using the existing renewable resources → banana plants
One of the founders lived for 6 months in São Tomé and Príncipe

Ideia: investigação / exploração
O objetivo era ajudar a comunidade, gerando recursos a partir de recursos renováveis existentes → bananeira
Um dos fundadores viveu durante 6 meses em São Tomé e Príncipe

Network • **Rede**

Knowledge exchange and collaboration with other artisans

Troca de conhecimentos e colaboração com outros artesãos

From: Canary Islands, Ecuador, Brazil, Italy, Switzerland/India, France/USA (former members' origins)

Origens: Canárias, Equador, Brasil, Itália, Suíça/Índia, França/EUA (origens dos ex-membros)

Part of VAGA
Collaborations with schools, holding workshops

Faz parte da VAGA
Colaborações com escolas, realização de workshops

Selling points: office studio, local stores, instagram, Etsy...

Pontos de venda: estúdio, lojas locais, instagram, Etsy...

Process • **Processo**

Exploration / experimentation

Exploração / Experimentação

Cover: bee wax, camellia oil

Revestimentos: cera de abelha, óleo de camélia

Producing an artwork: crochet, jewelry, baskets, paper, a pillow, a kimono

Produção de obras de arte: croché, bijuteria, cestos, papel, almofada, quimono

Sorting, drying
Extraction of different fibers
Collecting banana pseudostems

Seleção, secagem
Extração de diferentes fibras
Recolha de pseudocaules

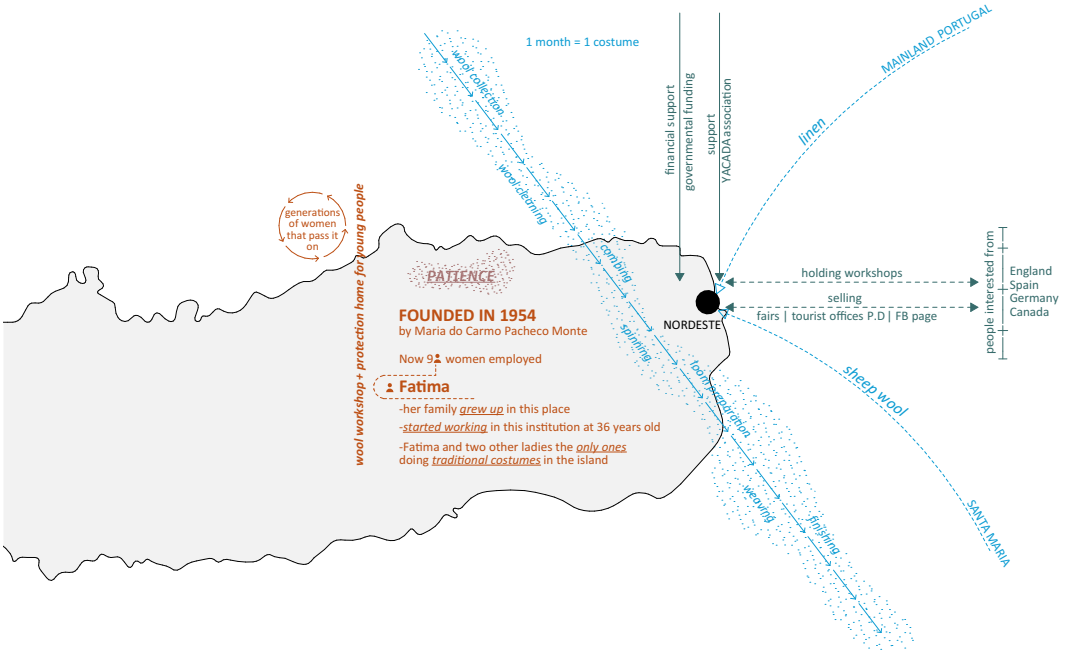
2.5T-5T yearly banana production
1T of banana = ~4T of banana waste

Produção anual de banana: 2.5 a 5 toneladas
1T de banana = ~4T de resíduos

Future • **Futuro**

Patience → **paciência**

Casa de Trabalho do Nordeste (wool)



Social • **Social**

Generations of women that pass it on
Wool workshop + protection home for young people

Gerações de mulheres que transmitem a tradição
Casa de trabalho de lã + lar de acolhimento para pessoas jovens

Founded in 1954 by Maria do Carmo Pacheco Monte
Now 9 women employed

Fundada em 1954 por Maria do Carmo Pacheco Monte
9 mulheres lá trabalham

Fátima: her family grew up in this place, she started working in this institution at 36 years old. Fatima and two other ladies are the only ones doing traditional costumes in the island

Fátima: a sua família cresceu neste local, ela começou a trabalhar aqui aos 36 anos. Fátima e outras duas mulheres são as únicas na ilha que confecionam trajes tradicionais

Network • **Rede**

Financial support: governmental funding
Support: YACADA association
Holding workshops
Selling: fairs, tourist offices Ponta Delgada, Facebook page
People interested from England, Spain, Germany, Canada

Apoio financeiro: subsídios governamentais
Apoio: associação YACADA
Realização de workshops
Vendas: feiras, postos de turismo de Ponta Delgada, Facebook
Pessoas interessadas de Inglaterra, Espanha, Alemanha e Canadá

Process • **Processo**

Wool collection →
Wool cleaning →
Combing →
Spinning →
Loom preparation →
Weaving →
Finishing

Recolha da lã →
Limpeza da lã →
Cardar & Pentear →
Fiação →
Preparação do tear →
Tecelagem →
Acabamento

1 month = 1 costume

1 mês = 1 traje típico

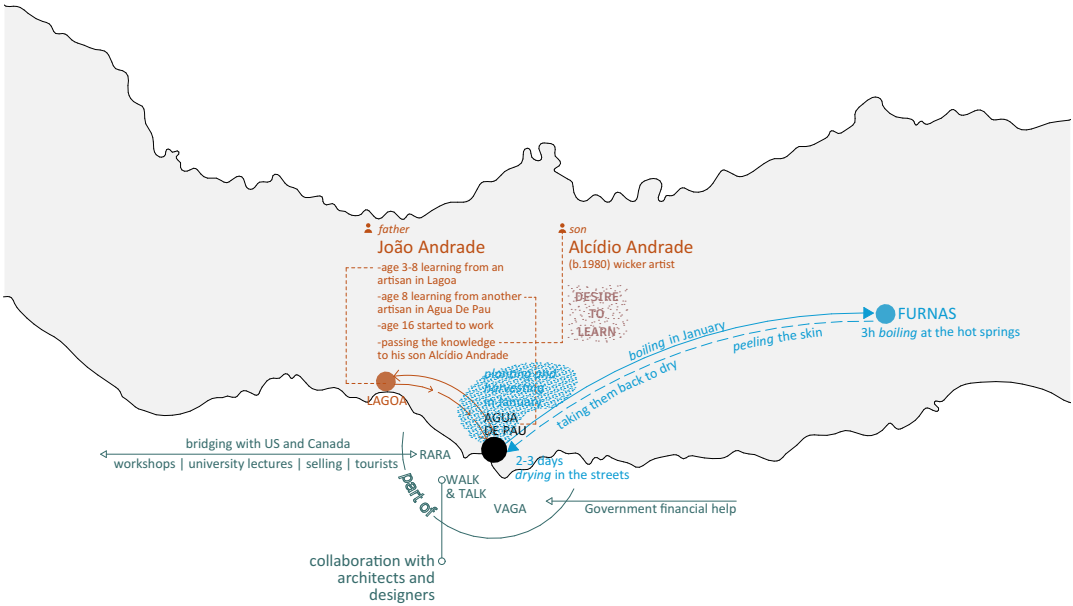
Mainland Portugal → linen
Santa Maria → sheep wool

Portugal Continental → linho
Santa Maria → lã de ovelha

Future • **Futuro**

Patience → **paciência**

Alcídio Andrade (*vime*)



Social • **Social**

Father: João Andrade
Age 3-8: learning from an artisan in Lagoa
Age 8: learning from another artisan in Água de Pau
Age 16: started to work
Passing the knowledge to his son Alcídio Andrade

Pai: João Andrade
3-8 anos: aprendeu com um artesão em Lagoa
8 anos: aprendeu com outro artesão em Água de Pau
16 anos: começou a trabalhar
Transmitindo o conhecimento ao seu filho Alcídio Andrade

Son: Alcídio Andrade
(b. 1980), wicker artist

Filho: Alcídio Andrade
(n. 1980), artesão de vime

Network • **Rede**

Part of RARA, Walk & Talk and VAGA

Faz parte da RARA, Walk & Talk e VAGA

RARA: Bridging with US and Canada (workshops, university lectures, selling, tourists)
Walk & Talk: Collaboration with architects and designers

RARA: Pontes com os EUA e o Canadá (workshops, palestras universitárias, vendas, turismo)
Walk & Talk: Colaboração com arquitetos e designers

Government financial help

Auxílio financeiro do governo

Process • **Processo**

Planting and harvesting in January → Boiling in January → Furnas: 3h boiling at the hot springs → Peeling the skin → Taking them back to dry → 2-3 days drying in the streets

Plantio e colheita em Janeiro → Cozedura em Janeiro → Furnas: 3 horas nas caldeiras de águas termais → Descascar as fibras → Transporte de volta → Secagem nas ruas por 2 ou 3 dias

Future • **Futuro**

Desire to learn → **Vontade de aprender**

Spaces of Practice: Place, Resources, and the Conditions for Making

Holly Dale

Tools of the Landscape

Collage is used to place a particular craft within the wider Azorean landscape, where making is inseparable from geography, near and far.

Some materials grow close at hand; others arrive slowly, crossing between islands or travelling by boat from mainland Portugal. In this geography of separation, access to materials, tools, and markets is never taken for granted.

The images trace the ways in which craft is sustained across these distances: through a utilisation of the islands' unique geography, local knowledge and foreign trade, and by balancing what the islands can provide with what must come from elsewhere. However, craft does more than transform one material into another. Through making, an understanding of the landscape and local resources are developed over time and carried through the hand, from one generation to the next.

These practices are also a site of social and cultural relationships. Materials become cultural objects – they enter homes, workplaces, celebrations, and folklore, while skills are passed between families, workshops, and communities. In this sense, craft does not preserve culture so much as keep it alive in practice, adjusting to contemporary geographical, social and economic challenges while bringing meaning to the present.

Looked at in this way, the artisan is not only a maker of things, but a vector for relationships between material, place, and community. The question of keeping craft alive is therefore also a question of how these relationships might continue.

Espaços de Prática: Lugares, Recursos e Condições para Criar

Holly Dale

Ferramentas da Paisagem

As colagens situam um ofício específico no contexto mais vasto da paisagem açoriana, onde o fazer é indissociável da geografia, próxima e distante.

Alguns materiais crescem por ali bem perto; outros chegam lentamente, atravessando ilhas ou vindo de barco de Portugal continental. Nesta geografia de separação, o acesso a materiais, ferramentas e mercados nunca é dado como garantido.

As imagens delineiam os modos como o artesanato se mantém vivo ao longo destas distâncias: tirando partido da geografia singular das ilhas, do conhecimento local e do comércio externo, e conciliando o que as ilhas podem oferecer com aquilo que tem de vir de outros lugares. Em todo o caso, o artesanato é mais do que a transformação de um material num outro. Ao longo do tempo, é através do fazer que se desenvolve uma compreensão da paisagem e dos recursos locais, transmitida pelas mãos de geração em geração.

Estas práticas são também um espaço de relações sociais e culturais. Os materiais tornam-se objetos culturais — entram nas casas, nos locais de trabalho, nas celebrações e no folclore — e as competências são transmitidas entre famílias, oficinas e comunidades. Neste sentido, o artesanato não só preserva a cultura como a mantém viva na prática, adaptando-se aos desafios geográficos, sociais e económicos do presente e trazendo-lhe significado.

Visto desta perspetiva, o artesão não é apenas uma pessoa que faz objetos, mas também um vetor de relações entre a matéria, o lugar e a comunidade. Manter vivo o artesanato é também uma questão de perceber como dar continuidade a estas relações.



↑ **MUSAZ.** Banana plants grow abundantly across the Azorean landscape, producing more material than is needed after harvest. Vanessa Melo experiments with transforming this agricultural waste into fibres for craft, thus developing new relationships between local resources, discarded material, and making.

↑ **MUSAZ.** As bananeiras crescem abundantemente por todo o território açoriano, produzindo, após a colheita, mais matéria do que aquela que é necessária. Vanessa Melo decidiu experimentar transformar estes desperdícios agrícolas em fibras para trabalhos artesanais, criando assim novas relações entre os recursos locais, os materiais descartados e o fazer.



↑ **Cerâmica Vieira** sits between local heritage and the economics of tourism and export. Relying on maritime routes, the workshop mixes its own clay using material from Santa Maria and mainland Portugal, while finished pottery leaves the island to travel outward again. The image places this movement against the volcanic landscape and the sea that connects the workshop to distant markets.

↑ A **Cerâmica Vieira** situa-se entre o património local e a economia do turismo e da exportação. Tirando partido das rotas marítimas, a oficina prepara a sua própria pasta cerâmica com materiais originários de Santa Maria e de Portugal continental, e os objetos produzidos voltam a viajar para longe. A imagem localiza este movimento contra o fundo da paisagem vulcânica e do mar que liga a oficina a mercados distantes.



↑ **Alcídio Andrade** uses the volcanic springs of Furnas to prepare wicker for weaving. His practice moves across the island: from growing and harvesting the material, to softening it in the heat of geothermal waters, and finally shaping it by hand in the modest family workshop. The image sets this interior against the wider Azorean landscape of which Andrade's craft is a direct expression.

↑ **Alcídio Andrade** utiliza as águas termais vulcânicas das Furnas para preparar o vime que utiliza na sua arte de cestaria. A sua prática alarga-se pela ilha: desde o cultivo e a colheita da matéria-prima até ao seu tratamento no calor das águas geotérmicas e, por fim, à sua transformação manual na modesta oficina familiar. A imagem contrasta este interior com a paisagem açoriana, de que o ofício de Andrade é uma expressão direta.

What Does a Craft Need?

Notes from an interview with Fátima Leite,
Casa de Trabalho do Nordeste

Wool.
Linen.
A loom.
A shelter from the Atlantic winds...

The drawing follows the craft across the sea and landscapes of the Azores, into the building, through the loom, and asks who the next generation of artisans will be.

Women have been preparing these fibres since before the present generation arrived; Fátima, who runs the studio, learned from her grandmother and now teaches just as she was taught, through hands-on repetition. There is no instruction manual for her craft. Knowledge accumulates slowly, through time, movement, and embodied judgement.

A craft needs time.
Preparing a loom can take a week.
Sometimes two.
It needs patience.

When a thread breaks, the maker must work with the material, understanding its properties and how they change according to climate, geography, and availability.

It needs will.
Someone willing to demonstrate.
Somebody willing to learn.

For generations, Casa de Trabalho do Nordeste has been a cradle for values that cannot be summarised merely in the objects produced. Through employment, training, and a community of women working alongside one another, knowledge has been transmitted within families, from one pair of hands to another. Garments leave the workshop and return to village life through folklore and dance, carrying women's labour, memory, and local identity into moments of celebration.

Do Que Precisa um Ofício?

Notas a partir de uma entrevista com Fátima Leite,
Casa de Trabalho do Nordeste

Lã.
Linho.
Um tear.
Um abrigo contra os ventos do Atlântico...

Um desenho que acompanha o ofício através do mar e das paisagens dos Açores, até ao edifício e ao tear, e pergunta quem será a próxima geração de artesãos.

As mulheres têm preparado estas fibras desde muito antes da geração atual; Fátima, que dirige a oficina, aprendeu a fazê-lo com a avó e agora ensina da mesma forma que aprendeu: pela repetição na prática. Não existe um manual de instruções para o seu ofício. O saber acumula-se lentamente, ao longo do tempo, do movimento e do discernimento incorporado no gesto.

Um ofício precisa de tempo.
Preparar um tear pode levar uma semana.
Por vezes duas.
É necessário paciência.

Quando um fio se parte, é necessário trabalhar com o material, compreender as suas propriedades e a forma como estas mudam consoante o clima, a geografia e a disponibilidade.

É necessário vontade.
É necessário haver alguém disposto a demonstrar.
E alguém disposto a aprender.

Há gerações que a Casa de Trabalho do Nordeste é um berço de valores que não se resumem aos objetos produzidos. Com o emprego, a formação e uma comunidade de mulheres que trabalham lado a lado, o conhecimento tem sido transmitido dentro das famílias, de um par de mãos para outro. As peças saem da oficina e regressam à vida da aldeia através do folclore e da dança, levando o trabalho, a memória e a identidade local das mulheres até a momentos de celebração.

The drawing ends where another kind of learning begins. The local school sits only metres from the Casa, yet the knowledge held within the workshop cannot easily jump to the former. Fátima speaks of young people no longer being drawn to the craft, while pursuing their education may take them away from their home island altogether. Opportunities to train new makers have become harder to sustain without the means to employ them, teach them, and ensure that they have the time to learn.

A craft needs support to survive.



O desenho termina onde começa outra forma de aprendizagem. A escola local fica a poucos metros da Casa, mas o conhecimento guardado na oficina dificilmente lá chega. Fátima fala dos jovens, que já não se sentem atraídos pelo ofício, e de como o desejo de prosseguir os estudos pode forçá-los a sair definitivamente da sua ilha natal. Formar novos artesãos é cada vez mais difícil, sem meios para os contratar, ensinar e garantir que dispõem de tempo para aprender.

Um ofício precisa de apoio para sobreviver.

Thinking by Hand: Materials, Tools, Processes, and Objects

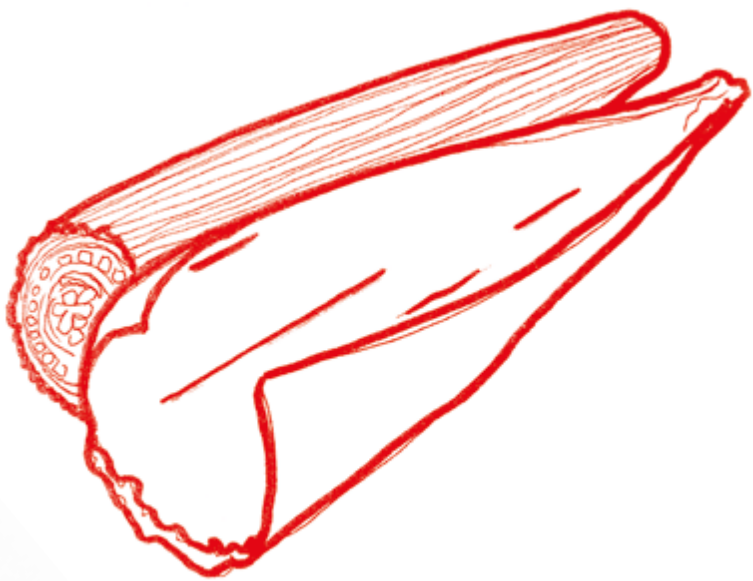
Amadea Kovič

The following contribution, an exercise in visual storytelling, is made up of sketches that translate the embodied experience of visiting the local artisans' ateliers on the island of São Miguel in April 2026. These visits allowed us to observe the artisans' work and gain first-hand narrative accounts in the form of semi-structured interviews, through which the artisans were able to share their perspectives and experience with us.

Recounting our atelier visits via a visual narrative is intended to showcase the diversity and richness of the artisans' practices and craft, and to foreground a focus on material heritage – the natural materials, tools, and processes used to produce different objects. Indeed, this type of fieldwork allows us to harness the unique potential of visual storytelling, combining text and image to visualise data and information collected during the visits. In turn, this highlights the material aspects of the work as well as the textures and details that are vital for it, but which may go unnoticed in a text-based account. The process of sketching brought these embodied aspects to the fore as central nodes for the reader's/viewer's attention, divulging information about the materials and processes involved. This is particularly important as, if they are to be preserved and practiced, knowledge of these techniques must be passed on to future generations.

The piece begins by focusing on the key practical basis and starting point of the artisans' work: the materials used, such as plants and threads, as well as their textures and other physical characteristics such as size and shape. It then moves to consider the processes of production and their various steps, including tools used. Its final focus is the outcome of this production process in terms of objects and products such as baskets, paper, thread, clothes, plates, and pots.

The following sketches and captions describe materials, tools, and objects essential to the practices developed in the atelier of Alcídio Andrade, Casa de Trabalho do Nordeste, Cerâmica Vieira, and MUSAZ. ■



1



2

Pensar com as Mãos: Materiais, Ferramentas, Processos e Objetos

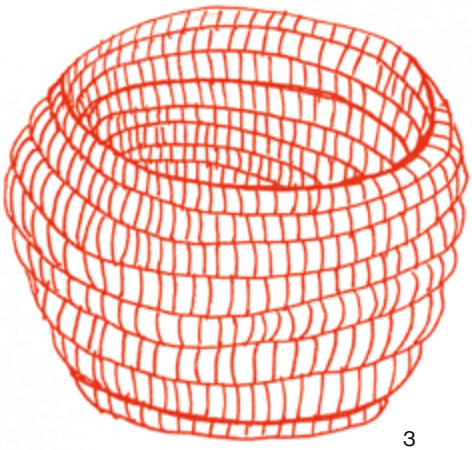
Amadea Kovič

Este exercício de narrativa visual é composto por desenhos que traduzem a experiência vivida durante as visitas às oficinas dos artesãos e artesãs da ilha de São Miguel em Abril de 2026. Estas visitas permitiram-nos observar o trabalho e recolher relatos em primeira mão sob a forma de entrevistas semiestruturadas, nas quais os artesãos e as artesãs tiveram a oportunidade de partilhar connosco as suas perspetivas e experiências.

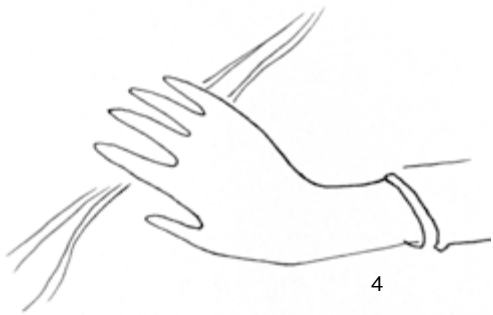
O relato das visitas às oficinas através de uma narrativa visual pretende dar a conhecer a diversidade e a riqueza das práticas e do artesanato, bem como destacar o património material — os materiais naturais, as ferramentas e os processos utilizados na produção de diferentes objetos. Com efeito, este tipo de trabalho de campo permite aproveitar o potencial singular da narrativa visual, combinando texto e imagem para representar visualmente as informações e os dados recolhidos durante as visitas. Por outro lado, realça os aspetos materiais do trabalho, bem como as texturas e os pormenores que lhe são essenciais, mas que podem passar despercebidos num relato exclusivamente textual. O processo de desenhar trouxe estes aspetos da experiência vivida para primeiro plano, e comunica para quem lê ou observa informações sobre os materiais e os processos envolvidos. Isto é particularmente importante pois, para que estas técnicas sejam preservadas e praticadas, o saber deve ser transmitido às gerações futuras.

Começamos por centrar-nos no ponto de partida do trabalho dos artesãos: os materiais utilizados, como plantas e fios, bem como nas suas texturas e outras características físicas, como o tamanho e a forma. De seguida, debruçamo-nos sobre os processos de produção e as suas várias etapas, incluindo as ferramentas utilizadas. Por fim, centramo-nos no resultado deste processo de produção, nos objetos e produtos realizados, como cestos, papel, fio, roupa, pratos e vasos.

Os desenhos e as legendas que se seguem descrevem materiais, ferramentas e objetos essenciais às práticas desenvolvidas nas oficinas de Alcídio Andrade, Casa de Trabalho do Nordeste, Cerâmica Vieira e MUSAZ. ■



3



4

Images 1-2: Dried banana plant, and its leaf before drying.

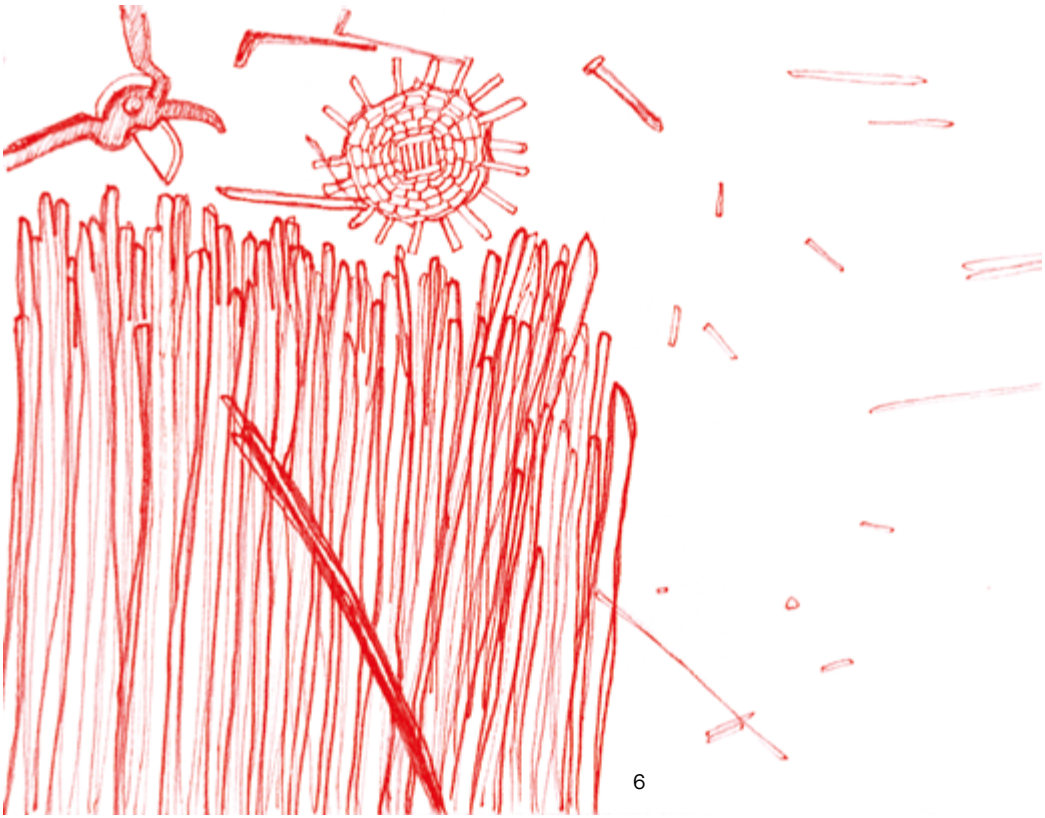
Images 3-4: The dried banana plant can be peeled apart into durable threads; these can then be used to make braids and other objects, such as this basket from MUSAZ.

Imagens 1-2: Planta da bananeira seca, e sua folha antes de secar.

Imagens 3-4: A planta da bananeira seca pode ser desfiada em fios resistentes, que depois podem ser utilizados para fazer entrançados e outros objetos, como este cesto da MUSAZ.



5



6



7



8



9



10

Images 5–6: In the atelier of Alcídio Andrade, tools are used to make various wicker objects, such as this basket.

Images 7–8: Shoes and a blouse from Casa de Trabalho do Nordeste.

Images 9–10: Hand-painted plates made in Cerâmica Vieira, with motifs pertaining to island life.

Imagens 5–6: No atelier de Alcídio Andrade, utilizam-se ferramentas para fabricar diversos objetos de vime, como este cesto.

Imagens 7–8: Sapatos e blusa da Casa de Trabalho do Nordeste.

Imagens 9–10: Pratos pintados à mão na Cerâmica Vieira, com motivos relacionados com a vida na ilha

The Life of a Ceramic Mug

Lamprini Chartofylaka, Seran Demiral, Amanda Tavares

A Vida de uma Caneca de Cerâmica

Lamprini Chartofylaka, Seran Demiral, Amanda Tavares



This chapter presents a fictional story and a crossword activity based on information collected during a visit to Cerâmica Vieira. Founded in 1862 in Lagoa, this ceramics workshop specialises in glazed pottery and has been run by the same family for five generations. Besides interviews with a couple of women workers, who told us their stories as they performed their tasks – an approach informed by so-called go-along methods[1] – we also relied on written historical facts displayed around the workshop and on our own embodied, sensory interactions with the place.[2]

The story's main character is a nod to Cerâmica Vieira's most sold object at the moment – a mug. It represents the business' link with visitors such as ourselves, but also relates to the day-to-day experiences of those who live and work on the island. The narrative is divided into five sections, each focusing on a key theme of our fieldwork: extraction (the material, a sense of place); shaping (relationships, care, generational transmission); drying (connections, memories, reuse); firing (resilience, flexibility); and circularity (traditions, belonging, sustainability).

At the end of the chapter is a crossword puzzle that highlights keywords from the story. The goal is to emphasise creative ways of disseminating knowledge, to underscore the place of individual agency in this process of transmission, and to prompt sensitivity and curiosity.

1 Margarethe Kusenbach, "Street Phenomenology: The Go-Along as Ethnographic Research Tool," *Ethnography* 4, no. 3 (2003): 455–85, https://doi.org/10.1177/1466138103430007.

2 Sarah Pink, *Doing Sensory Ethnography* (Sage, 2009).

Este capítulo apresenta uma história e uma atividade de palavras cruzadas criadas a partir das informações recolhidas durante uma visita à Cerâmica Vieira. Fundada em 1862, na Lagoa, esta oficina de cerâmica especializa-se em peças de olaria vidradas e é gerida pela mesma família há cinco gerações. Para além das entrevistas com um par de artesãs, que nos contaram as suas histórias enquanto executavam as suas tarefas — numa abordagem informada pelos assim-chamados métodos *go-along*[1] —, recorremos também a factos históricos escritos e expostos na oficina, bem como às nossas próprias interações sensoriais com o lugar.[2]

A personagem principal desta história presta homenagem ao objeto mais vendido atualmente pela Cerâmica Vieira: a caneca. Esta representa a conexão da oficina com os seus visitantes, tais como nós, mas relaciona-se também com as experiências quotidianas de quem vive e trabalha na ilha. A narrativa divide-se em cinco partes, cada uma centrada num tema fundamental do nosso trabalho de campo: extração (a matéria, o senso do lugar); modelação (as relações, o cuidado, a transmissão intergeracional); secagem (as conexões, as memórias, a reutilização); cozedura (a resiliência, a flexibilidade); e circularidade (as tradições, a pertença, a sustentabilidade).

No final do capítulo, encontra-se um desafio de palavras cruzadas que ressalta palavras-chave da nossa história. O objetivo é dar destaque às formas criativas de divulgar o conhecimento, sublinhar o papel da agência individual neste processo de transmissão, sensibilizar e despertar curiosidade.

The Life of a Ceramic Mug

Origins

Before I became who I am, I used to live in another part of the Azores archipelago, in Santa Maria. There was no me, you, her, or them; only us, made of wet, soft, sticky earth, surrounded by water and sculpted by volcanoes. We were special, but we were also the same; massive lumps of beautiful particles, bonded together, living in unison, shifting in form.

I can't really remember how things began to change; all I know is that they did. Centuries ago, shape-makers decided to come to Santa Maria and take us away, little by little. They had this idea that we could become something glazed and shiny, that we could achieve something in their eyes. A vision, they called it.

After they extracted us from the land, they told us it was time to innovate – whatever that means – and named us clay. But naming was not enough for them; it was only the beginning. Because once they name you, they own your existence. So the shape-makers started to sort us into different colours and categories, to portion us up and put us in boats that travelled far and wide. I watched this process take place several times, until my time finally came. I left more recently and went straight to the island of São Miguel, landing at a ceramics atelier in the small town of Lagoa.

I am sure they did not mean to be disrespectful, but I couldn't help feeling angry – who did they think they were to force me out of my environment? As I started my journey, disconnected from everything I knew, I yelled towards the sea:

– I am not afraid! I have survived the ocean swallowing me whole, twice!

Touching, Resisting, Relating

When I arrived at the factory in Lagoa, I was so nervous about the future. What else would they do to me? I was worried that I would start to lose my essence, to harden. I wanted to stay cool, but I was struggling. Would I become rigid, just like a stone?

Suddenly, I noticed that a young shape-maker was trying to mould me, shape me. Part of me wanted to

A Vida de uma Caneca de Cerâmica

Origens

Antes de me ter tornado quem sou, vivia noutra parte do arquipélago dos Açores, na ilha de Santa Maria. Ali não havia eu, nem tu, nem ela ou eles; éramos apenas nós, terra húmida, macia e pegajosa, rodeados de água e esculpidos por vulcões. Éramos especiais, e também todos iguais: enormes massas de belas partículas, ligadas entre si, vivendo em harmonia e de formas mutáveis.

Não me recordo exatamente de como tudo começou a mudar; só sei que mudou. Já desde há séculos que os fazedores de formas vêm até Santa Maria para nos levar, pouco a pouco. Tinham a ideia de que seria possível transformar-nos em algo vidrado e brilhante, de que poderíamos alcançar algo aos seus olhos. Tinham uma visão.

Depois de nos extraírem da terra, disseram-nos que era altura de inovar — seja lá o que isso quer dizer — e chamaram-nos barro. Mas dar-nos um nome não lhes bastou; foi apenas o início. Porque, quando alguém te dá um nome, passa a ser dono de ti. E os fazedores de formas começaram a separar-nos por cores e categorias, a dividir-nos em porções e a pôr-nos em barcos que viajavam para longe. Vi este processo repetir-se várias vezes, até que finalmente chegou a minha vez. Parti mais recentemente e segui diretamente para a ilha de São Miguel, para chegar a uma oficina de cerâmica na pequena vila de Lagoa.

Tenho a certeza de que não pretendiam ser desrespeitosos, mas não consegui deixar de sentir raiva: quem eram eles para me arrancar do meu lugar, do meu ambiente? Ao iniciar a minha jornada, longe de tudo o que conhecia, gritei em direção ao mar:

— Não tenho medo! Já sobrevivi por duas vezes ao oceano!

Tocar, Resistir, Relacionar

Quando cheguei à fábrica da Lagoa, preocupei-me com o que o futuro tinha reservado. O que mais me iriam fazer? Receava começar a perder a minha essência, endurecer. Queria manter a minha frescura, mas estava a provar-se difícil. Será que iria tornar-me rígida como uma pedra?

Subitamente, reparei que um jovem fazedor de formas tentava moldar-me, dar-me forma. Uma parte de mim queria identificar-se com ele, mas não era fácil. Não conse-



relate to him, but it was not easy. I simply could not forget the past; I needed to stay firm.

– Don't! What are you doing? Just leave me alone. How dare you touch me? I am a living creature, I refuse to be tamed! I will resist every pinch, every fold; I will fight against your touch and protect myself.

I slipped out of his hands a thousand times, using my remaining elasticity in my favour. When he sighed, I smiled at his frustration. Things had to go my way, or they would not go at all.

Then an older shape-maker sat down next to him, held his hands, and reassured him. I think she was trying to help, and I heard her whispering a few anecdotes to him. After that, she took ahold of me, patting me carefully. She was not trying to impose or forge me, but to understand me. I was able to relax a little.

– Oh yes, thank you. This is so comforting, it feels like a massage... It's taking away all the pain. How did you know? Tell me your story...

We stayed like that for a while, getting to know each other better, adapting together. She was in high spirits that day, I could feel it in the warmth of her palms. I started to imagine what I might become in her hands. What

guia esquecer o passado; precisava de me manter firme.

– Não! O que estás a fazer? Deixa-me em paz. Como te atreves a tocar-me? Sou uma criatura viva, não quero ser domesticada! Resistirei a cada beliscão, a cada dobra; lutarei contra o teu toque e proteger-me-ei.

Escapei-lhe das mãos mil vezes, tirando partido da elasticidade que me restava. Enquanto ele suspirava, eu sorria perante a sua frustração. As coisas seriam à minha maneira, ou não seriam de todo.

Mas então, uma fazedora de formas mais velha sentou-se ao seu lado, segurou-lhe nas mãos e tranquilizou-o. Penso que estava a tentar ajudar, e ouvi-a sussurrar-lhe algumas histórias. Depois, pegou em mim e afagou-me com cuidado. Não estava a tentar impor-se nem a moldar-me; tentava compreender-me. Aí relaxei um pouco.

– Ah, sim, obrigada. Que sensação reconfortante, parece uma massagem... Está a aliviar todas as dores. Como é que sabias? Conta-me a tua história...

E assim ficámos durante algum tempo, a conhecermo-nos melhor e a adaptarmo-nos em conjunto. Naquele dia, ela estava muito animada; podia senti-lo no calor das palmas das suas mãos. Comecei então a imaginar no que me poderia transformar nas suas mãos. Em que é que me irei tornar?

will I be? I love that question. I change, we change. Change is good. It's the cycle of life. I'm glad I can change. I realised that if I didn't, it would be the end of my existence.

The young one looked so impressed. "Your hands have a spark, it must be some sort of magic," he said to the more experienced shape-maker. It wasn't magic, I thought to myself. It was skill, knowledge, patience, practice. It was the hands themselves. Soft, rough, tough, cold, warm... Every touch leaves a mark, shares a memory. I dive in. Oh no, this is it, I've already changed. I have a shape now.

"Better if I don't touch it, I don't want to ruin it," he said. So she put him at ease: "You won't, but perhaps you'll enjoy the next task a bit more. Shall we take a break and have some tea?"

The young shape-maker immediately looked at me, making the older one laugh. "No, not with that! It needs more time. I'll bring tea in another mug for you. In the meantime, we should let it dry."

I was glad to be left alone so that I could enjoy the moment. A new mug, a new me, crafted out of previous experiences and care. I liked the sound of that.

Never Alone

I was by myself for four or five days, perspiring with excitement. When hands touched me again, I became sharper, felt more stylish. I was carried to another room, with lots of shelves. There, I wasn't alone anymore.

– Hey! What's up, guys? Are you transforming too? What are you becoming now... Hey, you!

I called to a fish-shaped plate.

– What is this place, huh? Any idea how much longer we'll be here?

Silence. *It can't hear you*, said a wise-looking vase. I trusted her immediately – her surface was uneven, slightly wrinkled, sunken in places. *They've lost the ability to hear. They're forgotten plates.*

I couldn't believe it. The plate looked so cool! I always wanted a fish-shaped plate.

– But how? He's made of clay, just like me!

I was hushed. I didn't know why. Clay was a dangerous word, perhaps. We were not supposed to talk to each other about that. I did not understand. I was curious but also afraid to learn more. What I had learned

Adoro essa pergunta. Eu mudo, tudo muda. Mudar é bom. É o ciclo da vida. Alegro-me de poder mudar. Percebi que, se não o fizesse, seria o fim da minha existência.

O rapaz parecia impressionado. "As suas mãos têm uma centelha; deve ser um tipo de magia", disse ele à fazedora de formas mais experiente. Não é magia, pensei para comigo. É habilidade, conhecimento, paciência, prática. Estava nas suas mãos. Suaves, ásperas, firmes, frias, quentes... Cada toque deixando uma marca, partilhando uma memória. Deixo-me ir. Oh, não, é agora, já mudei. Tenho uma forma.

"É melhor não lhe tocar; não quero estragá-la", diz ele. Ela tranquiliza-o: "Não vai estragá-la, mas talvez goste um pouco mais da próxima tarefa. Que tal fazermos uma pausa e tomarmos um chá?"

O jovem fazedor de formas olhou imediatamente para mim, fazendo a mais velha rir. "Não, não com esta! Esta ainda precisa de tempo. Vou trazer-lhe chá noutra caneca. Entretanto, devemos deixá-la secar."

Fiquei contente por me terem deixado sozinha, para aproveitar o momento. Uma caneca nova, um novo eu, moldada a partir de experiências passadas e de cuidado. Isso parece-me muito bem.

Nunca Só

Fiquei sozinha durante quatro ou cinco dias, a transpirar de entusiasmo. Quando as mãos voltaram a tocar-me, tornei-me mais definida, senti-me mais elegante. Levaram-me para outra sala, com muitas prateleiras. Ali, já não estava sozinha.

– Olá! Então, pessoal? Também estão a transformar-se? Em que te estás a transformar agora?... Ei, tu!

Chamei por um prato em forma de peixe.

– Que sítio é este, hein? Alguém faz ideia de quanto tempo vamos ficar por aqui?

Silêncio. *Não te consegue ouvir*, disse-me um vaso com ar sábio. Confiei nele de imediato: a sua superfície era irregular, ligeiramente enrugada e côncava em alguns pontos. *Perderam a capacidade de ouvir. São pratos esquecidos.*

Não queria acreditar. O prato tinha um ar tão fixe! Sempre quis ter um prato em forma de peixe.

– Mas como? É feito de barro, tal como eu!

Mandaram-me calar. Não percebi porquê. Talvez barro fosse uma palavra perigosa. Ou talvez não devêssemos falar uns com os outros sobre isso. Não compreendia.

already was sad enough. They were forgotten plates. But why?

We're quite a diverse community, you know... Cups, plates, vases, tiles, miniatures, you name it, explained the vase. *But every now and then, one of us has an accident. Most of us get shaped again into something functional, but sometimes...*

I gasped. I wasn't sure I wanted to hear the rest.

Sometimes, she continued, *we are just left behind. See? Plates with inconvenient shapes, religious-themed tiles, cooking vessels that people rarely use anymore. We dry out and stay here, immortal but also... Untouched.*

Unbelievable. These shape-makers, always telling us who we are, what we can do, whether or not we can go somewhere.

– But why would we need the shape-makers again? Once we're shaped, aren't we free?

Mmmm... Not really. We, like them, come from the earth. That connection is eternal. It's been like this here for five generations, but that is nothing compared to some other objects that I've heard of. The shape-makers make us, and whisper our souls. But we change them too. When they touch us, they remember being more than just mud and dust. They remember that we are...

– Together.

I realised that they needed us as much as we needed them. That when they touched us, used us even, our clay essence brought them joy. We reconnected them to each other, to the land.

– And why should I believe you? How come you weren't forgotten?

I had patience, and I trusted my memories, the vase said, softly. *We take weeks to dry completely, but the truth is we never lose it all. Clay makes us fragile, but it also makes us hard-wearing. A couple of weeks ago, when I was feeling pretty parched, a contemporary artist came to visit the factory. And she pointed at me! She was very excited and started imagining what I could become: a detail in one of her upcoming installations. It's not the same as her taking me home, of course, but it will keep me going for a few more weeks. I was very touched!*

Estava curiosa, mas também tinha medo de saber mais. O que já tinha aprendido era suficientemente triste. Eram pratos esquecidos. Mas porquê?

Somos uma comunidade bastante diversificada, sabes... Chávenas, pratos, vasos, azulejos, miniaturas, muitas coisas, explicou o vaso. *Mas, de vez em quando, um de nós sofre um acidente. A maioria de nós volta a ser moldado em algo funcional, mas, por vezes...*

Prendi a respiração. Não tinha a certeza de que queria ouvir o resto.

Às vezes, continuou o vaso, *simplesmente somos deixados para trás. Estás a ver? Pratos com formas pouco práticas, azulejos com motivos religiosos, recipientes de cozinha que as pessoas já quase não usam. Secamos e ficamos por aqui, imortais, mas também... Intocados.*

Inacreditável. Estes fazedores de formas, sempre a dizer-nos quem somos, o que podemos fazer, e se podemos ou não ir a algum lado.

– Mas para que precisaríamos novamente dos fazedores de formas? Depois de sermos moldados, não somos livres?

Humm... Não propriamente. Nós, tal como eles, vimos da terra. Essa ligação é eterna. É assim que as coisas são aqui há cinco gerações, mas isso não é nada comparado com o que ouvi dizer de outros objetos. Os fazedores de formas moldam-nos e instilam-nos a alma. Mas também nós os mudamos. Quando nos tocam, lembram-se de que, também eles, não são mais do que terra e pó. Lembram-se de que todos somos...

– Um.

Foi nesse momento que percebi que eles precisavam de nós tanto quanto nós deles. Que, quando nos tocavam, mesmo quando nos usavam, a nossa essência de barro lhes proporcionava alegria. Voltávamos a ligá-los uns aos outros e à terra.

– E porque haveria de acreditar em ti? Como é que não foste esquecido, tu?

Tive paciência e confiei nas minhas memórias, disse o vaso em voz baixa. *Levamos semanas a secar completamente, mas a verdade é que nunca perdemos tudo. O barro faz-nos frágeis, mas também nos torna resistentes. Há umas semanas, quando me sentia bastante ressequido, uma artista contemporânea veio visitar a fábrica. E apontou para mim! Ficou muito entusiasmada e começou a imaginar no que eu me poderia tornar: um pormenor numa das ins-*

Trust Yourself, Trust the Fire

After those weeks on the shelf, I was feeling more powerful than ever. I had learned so much about the place, made friends with other ceramic pieces, and even received a glance of admiration from one of the shape-makers. I also realised that I was going to be part of something big: an order of over 2,000 mugs, to be used at a local festival on the island during the summer months.

I knew this was an important part of the process, but it honestly felt as if I was going to explode. Broken, forgotten, obsolete... The words kept echoing deep inside me. As my fellow mugs and I walked towards the fire, ready for battle, I remembered the advice that the vase had given us: *If you are flexible enough to change, you will carry on. Otherwise, your hard nature may kill your soul.*

As the heat surrounded us in the oven, I started to hear whispers. Very deep, very slow. *We need you. Let the flames change you. Let us give you a new purpose. We will not destroy you; you can only get stronger. Our glaze will protect you, now and forever.*

It was hard to let go, to acknowledge that I would be – that I was – dependent on others. But aren't we all?

Belonging, at Last

A few years later, during one of my festival outings, I saw that young shape-maker again. He recognised me! I heard him tell several stories about visiting his "auntie" at the factory, and about painting mugs that seemed similar but ended up looking completely different to me. I felt nostalgic, but also happy for him – it sounded like he had found his confidence, his skill. And I was relieved that he had stayed close to the factory, too. I remember the female shape-maker saying that most young people didn't: They enjoy visiting, but after a few hours of modelling or painting, they leave.

As for me, I had also finally found a purpose to live for. My fears of being thrown away disappeared, and I was much more at peace about my connection to the land. This is partly because I was now surrounded by shape-makers who understood my role in the archipelago, and partly because I had found kinship in this colourful set of mugs. Festivals here are trying to be more sustainable now, and we are what they reach for instead of plastic. Year after year, in the hands of these shape-makers and alongside other handmade bodies, I have witnessed countless

talações que está prestes a criar. Claro que não é o mesmo que ela levar-me para casa, mas vai dar-me ânimo por mais algumas semanas. Tudo aquilo me comoveu bastante!

Confia em Ti, Confia no Fogo

Depois daquelas semanas passadas na prateleira, sentia-me mais poderosa do que nunca. Tinha aprendido imenso sobre o lugar, feito amizade com outras peças de cerâmica e até recebido um olhar de admiração de um dos fazedores de formas. Também percebi que ia ser parte de um projeto grandioso: uma encomenda de mais de 2000 canecas para um festival local na ilha, durante os meses de verão.

Sabia que esta era uma parte importante do processo, mas, sinceramente, sentia que ia explodir. Partida, esquecida, obsoleta... As palavras continuavam a ecoar bem dentro de mim. Enquanto eu e as outras canecas avançávamos em direção ao fogo, prontas para a batalha, lembrei-me do conselho que o vaso nos dera: *Se fores suficientemente flexível para mudar, seguirás em frente. Se não, a tua natureza rígida poderá matar a tua alma.*

À medida que o calor nos envolvia no forno, comecei a ouvir sussurros. Sussurros profundos, muito lentos. *Precisamos de ti. Deixa que as chamas te transformem. Deixa-nos dar-te um novo propósito. Não te destruiremos; far-te-emos ficar mais forte. O nosso vidrado proteger-te-á, agora e para sempre.*

Foi difícil deixar-me ir, reconhecer que dependia de outros — que dependia deles. Mas não é que dependemos todos uns dos outros?

Por Fim, Pertencer

Alguns anos mais tarde, durante um dos meus passeios pelo festival, voltei a ver aquele jovem fazedor de formas. E ele reconheceu-me! Ouvi-o contar histórias sobre as suas visitas à 'tia' na fábrica, e sobre pintar canecas que pareciam todas iguais, mas que eram completamente diferentes aos meus olhos. Senti saudades, mas também fiquei feliz por ele — parecia ter encontrado confiança na sua arte. E também fiquei aliviada por ele ter permanecido ligado à fábrica. Lembro-me de a fazedora de formas comentar que a maioria dos jovens não o fazia: gostavam de visitar mas, depois de algumas horas a modelar ou a pintar, iam-se embora.

Quanto a mim, tinha também encontrado uma razão para viver. O medo de ser descartada desapareceu, e

delightful moments. There has been singing, dancing, laughter... I have seen the sunshine, felt the sea breeze, bathed in the scents of the trees... I have held tea, coffee, beer, wine... I have been filled, emptied out, rinsed, handed out again, and refilled with joy.

I'm not sure how long this, my journey, will last, but that feels weirdly okay to me. For dust I am, and to dust I will return... In the form of a mug, of mud, of a touch, and a little bit of magic. ■



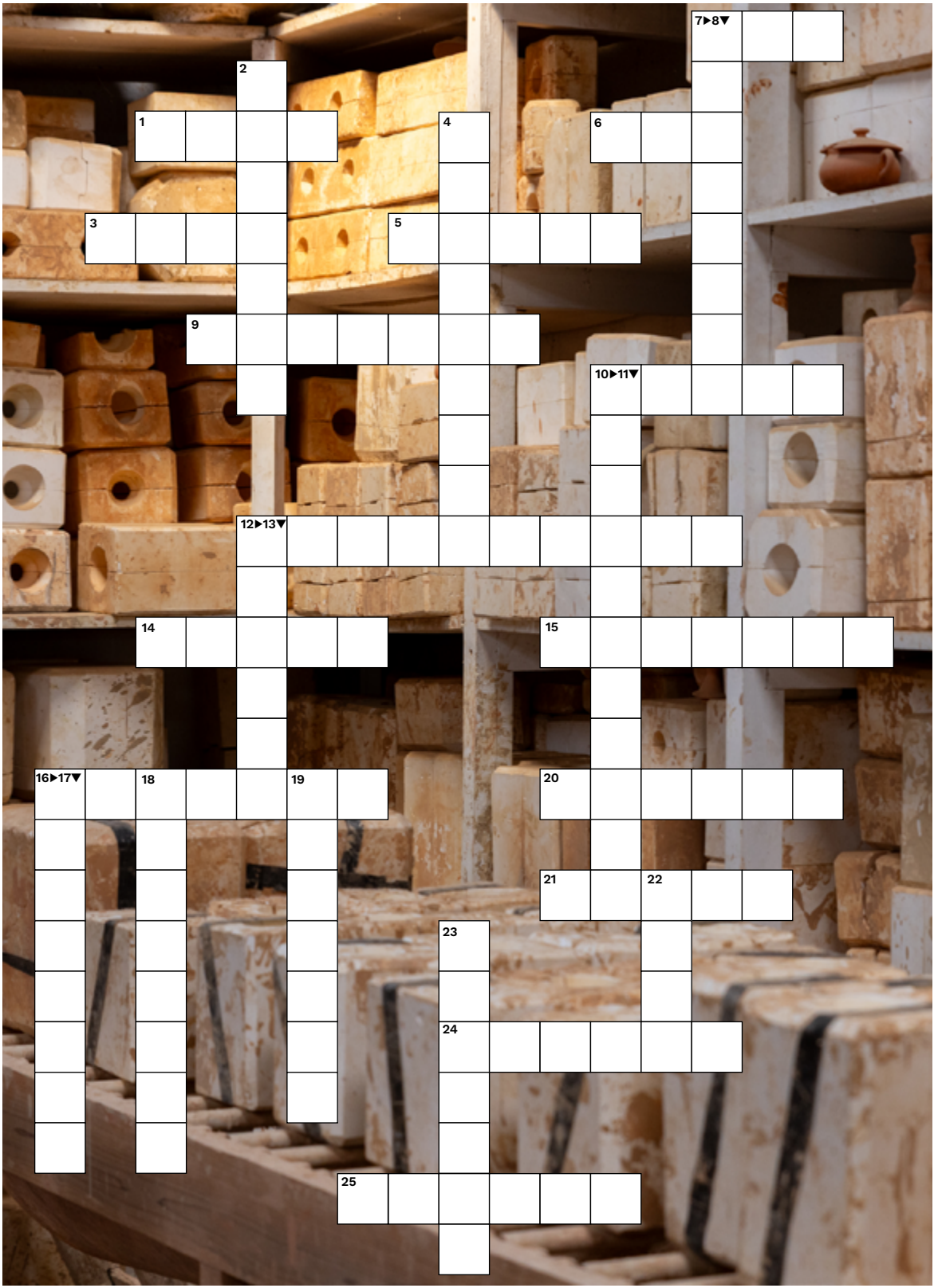
passei a sentir-me muito mais em paz quanto à minha ligação à terra. Em parte, isso devia-se ao facto de estar agora rodeada de fazedores de formas que compreendiam o meu papel no arquipélago; por outro lado, devia-se a ter encontrado pertencimento a meio deste conjunto colorido de canecas. Hoje em dia, os festivais daqui procuram ser mais sustentáveis, e é a nós que recorrem em vez do plástico. Ano após ano, nas mãos destes fazedores de formas e ao lado de outros corpos moldados pelas suas mãos, testemunhei inúmeros momentos encantadores. Assisti a cantos, danças, risos... Vi a luz do sol, senti a brisa do mar, respirei os aromas das árvores... Contive chá, café, cerveja, vinho... Fui enchida, esvaziada, lavada, distribuída de novo, e estive sempre repleta de alegria.

Não sei quanto tempo durará esta minha jornada, mas, por estranho que pareça, sinto-me bem como estou. Pois fui feita de pó e ao pó voltarei... Uma caneca feita de lama, de toques suaves, e de um pouco de magia. ■

Crossword clues

1. A name given by the shape-makers in the spirit of innovation.
2. A place where lots of mugs can be made.
3. Everybody remembers it differently; nobody can change it.
4. More than information, less than wisdom.
5. A personal _____ makes every mug unique.
6. A hot chocolate holder.
7. As one, in unison.
8. Spill the _____.
9. Needs handling with care.
10. Some call me "Mother _____"; I have no gender.
11. Many people claim to try to protect this.
12. What a good conversation creates.
13. "The only thing that does not _____ is _____ itself."
14. A type of ceramic coating/finish.
15. Trip from A to B; something that makes a character great.
16. Step by step; trust the _____.
17. What you need to shape your clay.
18. Outdated, archaic.
19. The stage of the process that both annoyed and pleased the clay.
20. Yesterday only exists in your _____.
21. Fairy tale, urban legend.
22. The place of transformation from raw to cooked.
23. Everybody has some, on different levels; talent, skill.
24. Piece of land surrounded by water.
25. We always worry about it until it turns to present.

Answers: 1. Clay; 2. Factory; 3. Past; 4. Knowledge; 5. Touch; 6. Mug; 7. Together; 8. Tea; 9. Fragile; 10. Earth; 11. Environment; 12. Connection; 13. Change; 14. Glaze; 15. Journey; 16. Process; 17. Patience; 18. Obsolete; 19. Shaping; 20. Memory; 21. Story; 22. Oven; 23. Ability; 24. Island; 25. Future.


7▶8▼
2
1
4
6
3
5
9
10▶11▼
12▶13▼
14
15
16▶17▼
18
19
20
21
22
23
24
25



Pistas de palavras cruzadas

1. Fábula, lenda, conto, narrativa.
2. Tipo de revestimento/acabamento cerâmico.
3. Chão, solo, planeta.
4. Porção de terra rodeada de água.
5. Material maleável porém resistente, foco desta história.
6. Um _____ pessoal torna cada caneca única.
7. Toda a gente tem alguma; talento, perícia.
8. Aquilo que uma boa conversa cria.
9. Todos se lembram dele de maneira diferente; ninguém o pode mudar.
10. O ontem só existe na tua _____.
11. Conhecimento, compreensão, entendimento.
12. Preocupamo-nos sempre com ele até que se torna presente.
13. Passo a passo; confia no _____.
14. Algo que é necessário para moldar o barro.
15. A etapa do processo que tanto irritou como agradou ao barro.
16. O lugar onde a matéria-prima se transforma em algo cozido.
17. "Nada é permanente, exceto a _____".
18. Descreve tanto o ambiente onde vivemos quanto a nossa essência, nossa personalidade.
19. Ultrapassado, arcaico.
20. Uma viagem de A até B; algo que torna grandiosa uma personagem.
21. A ser manuseado com cuidado.
22. Um lugar onde se podem fazer muitas canecas.
23. Grupo de pessoas que vivem próximas e/ou partilham os mesmos interesses.
24. Recipiente para conter chocolate quente.
25. De folhas se faz uma bebida.

Respostas: 1. História; 2. Vidrado; 3. Terra; 4. Ilha; 5. Barro; 6. Toque; 7. Habilidade; 8. Ligação; 9. Passado; 10. Memória; 11. Saber ; 12. Futuro; 13. Processo; 14. Paciência; 15. Modelação; 16. Forno; 17. Mudança; 18. Natureza; 19. Obsoleto; 20. Jornada; 21. Frágil; 22. Fábrica; 23. Comunidade; 24. Caneca; 25. Chá.

A Strange Girl, A New Door

Seran Demiral

Uma Estranha Rapariga, uma Porta Nova

Seran Demiral



Visiting the Casa de Trabalho in Nordeste made me reflect on the connections that pertain between the mainland and the island, and between humans and nature. Our conversations there also highlighted the ways in which labour and work have changed over time. However, although the impact of changes such as improved techniques can be wide-reaching, traditions and meaningful work endure through dedication and effort.

My desire with this story is to share my reflections on both the variations and continuities that can arise when we set out to create something for the future, together, by learning from each other. I also want to emphasise that the patterns and products made at the Casa de Trabalho represent individual experiences, while the machines in use are closely connected to the workers themselves. Indeed, human labour and machines come together with nature and history at the centre, not just to preserve what is known, but to discover what might be different: unique, yet familiar.

The little girl in the story opens a door for the narrator, and in that moment, knowledge is transferred, just as happens among the real people of the Casa de Trabalho – the "House of Work." I would like to invite you to create your own patterns to bring the story to a close in your own way.

A visita à Casa de Trabalho do Nordeste levou-me a refletir sobre as ligações que existem entre o continente e as ilhas, e entre os seres humanos e a natureza. As conversas que lá tive também puseram em evidência as formas como o trabalho e a atividade laboral têm vindo a mudar ao longo do tempo. Porém, embora mudanças como o aperfeiçoamento das técnicas possam ter um grande impacto, as tradições e o trabalho significativo perduram graças à dedicação e ao esforço.

Através desta história, partilho as minhas reflexões sobre as variações e continuidades que podem surgir quando nos propomos a criar algo para o futuro, em conjunto, numa aprendizagem mútua. Também gostava de salientar que os padrões e os produtos criados na Casa de Trabalho representam experiências individuais, e que as máquinas utilizadas estão intimamente ligadas às próprias trabalhadoras. Efetivamente, com a natureza e a história ao centro, o labor humano e as máquinas convergem não apenas para preservar o que é conhecido, mas para descobrir o que pode ser diferente: único, mas familiar.

A jovem da história abre uma porta à narradora e, nesse momento, o conhecimento é transmitido, tal como acontece entre as pessoas de carne e osso da Casa de Trabalho. Convido-vos assim a criar os vossos próprios padrões, e a terminar a história à vossa maneira.

A Strange Girl, A New Door

Nobody knew where she was from, or where she had lived before coming to this island. She appeared among us so suddenly. So suddenly, in fact, that I couldn't quite grasp how she got here. Did she walk over the sea? Did she fly with wings? You may think that I am joking now or exaggerating her skills – but I am serious!

She didn't draw anyone's attention, but everybody reacted to her appearance at the same time. She looked familiar somehow, even though she had only ever been a complete stranger. As if this girl had always been among us, or as if she had never existed at all, both at once. Yes, both things are the same: Let's say "two sides of the same coin." Nothing was real, and everything was too real: This is exactly how she seemed.

So, I should mention what was interesting about her.

Imagine a person without a phone nowadays... She had no phone. Maybe no computer either, or any such devices. When teachers asked for her homework, she never gave anything; she just spoke instead. Not reciting a whole text from memory, but sending information to the teachers' brains or hearts somehow. She did everything properly in her own way. Not using words, but communicating directly. She didn't need to reach anyone through a device, because she carried the thing itself – in her head!

Wondering how this strange mind works, I finally realised what I was supposed to do...

Imagine a girl knowing everything about all topics, sending words or images to other people's minds directly – do not ask me how, it simply happened. Nobody was talking about it, though. I think people were afraid. You know people: They are easily afraid if they encounter something unusual.

She was *the unusual*. I accept that she doesn't look like an extraterrestrial, but she acted like one.

When I tried to understand her, I guess I never succeeded. Yet she could tell me things, and I would hear her – not in words, but in something deeper. It was a different language, not verbal but made of lines and patterns, almost like living tattoos beneath my skin.

The message wasn't spoken; it moved through me. I was hearing something like this →

Uma Estranha Rapariga, uma Porta Nova

Ninguém sabia de onde ela era ou onde tinha vivido antes de chegar a esta ilha. Aparecera simplesmente entre nós, de forma repentina. Tão repentina, na verdade, que nem consegui perceber bem como aqui chegara. Teria atravessado o mar a pé? Teria voado, com asas próprias? Podem pensar que estou a brincar ou a exagerar as suas capacidades – mas estou a falar a sério!

Não chamou a atenção de ninguém, mas todos reagiram à sua presença ao mesmo tempo. De certo modo, tinha uma aparência familiar, apesar de não passar de uma completa desconhecida. Como se sempre tivesse estado entre nós, ou como se nunca tivesse existido; as duas coisas ao mesmo tempo. Sim, as duas coisas ao mesmo tempo. Digamos que era "as duas faces da mesma moeda". Nada era real e tudo era demasiado real: era exatamente isso que parecia.

Portanto, devo referir o que é que ela tinha de interessante.

Imaginem uma pessoa sem telemóvel nos dias de hoje... Ela não tinha telefone. Se calhar também não tinha computador, nem qualquer outro dispositivo desse género. Quando os professores lhe pediam os trabalhos de casa, nunca entregava nada; em vez disso, falava. Não recitando um texto inteiro de memória, mas de algum modo enviando diretamente a informação até aos cérebros ou corações dos professores. Fazia tudo bem feito, à sua maneira. Não usava palavras, comunicava diretamente. Não precisava de contactar ninguém através de um dispositivo, porque transportava consigo a coisa em si – na sua cabeça!

Curiosa sobre como funcionava aquela estranha mente, finalmente compreendi o que devia fazer...

Imaginem uma rapariga que sabe tudo sobre todos os assuntos, e que envia palavras ou imagens diretamente para as mentes das outras pessoas – não me perguntem como, era algo que simplesmente acontecia. No entanto, ninguém falava sobre isso. Acho que as pessoas tinham medo. Sabem como são as pessoas: assustam-se facilmente quando se deparam com algo invulgar.

E ela era *fora do comum*. Admito que não parecia extraterrestre, mas agia como se fosse.

Tentei compreendê-la, mas creio que nunca



consegui. E, contudo, ela conseguia dizer-me coisas e eu ouvia-a – não através de palavras, mas de algo mais profundo. Numa linguagem diferente, não verbal, feita de linhas e padrões, quase como tatuagens vivas debaixo da minha pele.

A mensagem não era falada... Atravessava-me. E então ouvia algo assim: ↑

Um padrão, um desenho que se repete numa determinada ordem. Sob a minha pele, no meu corpo. Algo em perpétuo movimento no meu coração – devagar, mas repentinamente, o padrão tornou-se o meu batimento cardíaco. Pode parecer-vos familiar como imagem, mas imaginem-no como o vosso próprio corpo. Entranhado na vossa pele. Telepatia? Talvez. Comunicação como um rio, horizontes na minha alma, ondas circulares à volta do meu batimento cardíaco.

Senti que estava sozinha nesta experiência. As pessoas esquecem as palavras ou as imagens que ouvem na sala de aula; conversam no corredor, saem para o jardim, o vento sopra, vêem-se ondas e, depois, não fica nada. É assim que as coisas são numa ilha. A natureza é mais forte do que nós. Vivemos e seguimos em frente. Não há tempo para nos deixarmos obcecar por alguma coisa – a menos que se encontre alguém interessante.

Uma pessoa que fala connosco dentro da nossa mente, que parece saber tudo, que encontra o seu caminho sem esforço – uma estrangeira, invisível mas familiar. Foi assim que me deixei fascinar – não era uma paixoneta, não era uma amiga, nem mesmo uma inimiga. Era simplesmente a pessoa em quem não conseguia deixar de notar. Já repararam que, na nossa língua, "expectativa" e "esperança" são palavras quase iguais? *Espero que...*. Até temos a Nossa Senhora da Esperança. Esperamos pela sua vinda, como se esperássemos por Godot. Por isso, tinha quase a certeza de que aquela estranha rapariga era uma nova versão da Nossa Senhora da Esperança, talvez o seu reflexo, não num sentido religioso nem como um milagre... Mas tinha quase a certeza de que me iria ensinar algo. A sua estranheza, o seu comportamento – como uma extraterrestre entre os colegas de turma – diziam-nos algo. Decidi então escutar – foi essa a minha obsessão.

Para compreendê-la melhor e para ver se ela possuía algum tipo de tecnologia alienígena que lhe per-

A pattern, a drawing repeating itself in a certain order. Under my skin, in my vessel. Something constantly moving in my heart – slowly but suddenly, the pattern became my heartbeat. It may seem familiar to you as an image, but imagine it as your body. It is embedded in your skin. Telepathy? Maybe. Communication like a river, horizons in my spirit, circles around my heartbeat.

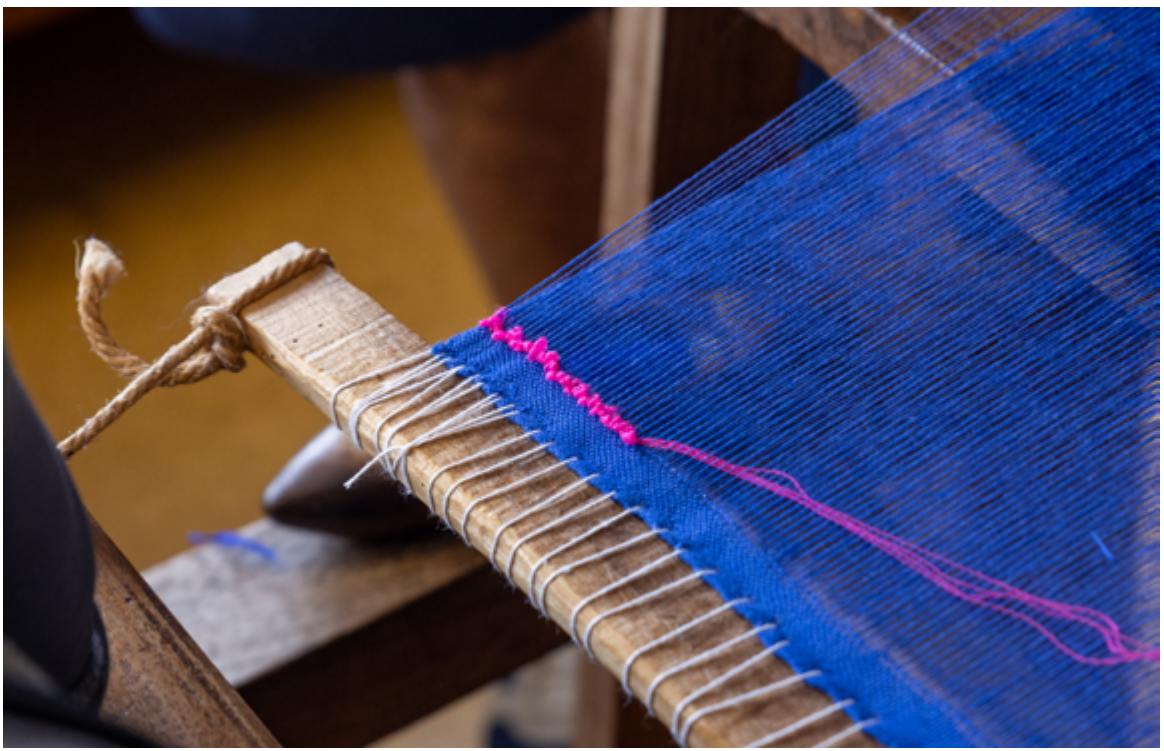
I felt that I was alone in this experience. People forget the words or images they hear in the classroom; they speak in the corridor, go out to the garden, the wind blows, waves are seen, and then nothing remains. That's how it is on an island. Nature is stronger than you. You live and pass. There is no time to obsess over something – unless you meet someone interesting.

A person who could speak to you inside your own mind, who seemed to know everything, who found her way without effort – a foreigner, invisible and yet familiar. She was my fascination – not a crush, not a friend, not even an enemy. Just the one person I couldn't stop noticing. Have you noticed that in our language, expectation and hope are almost the same word? *Esperança*. We even have the Senhora da Esperança, our lady of hope. We wait for her to arrive, like waiting for Godot. So I was almost sure that this strange little girl was a new version of our lady of hope, maybe her reflection, not in a religious way or as a miracle... But I was pretty sure that she would teach me a lesson. Her strangeness, her behaviour – like an alien among our classmates – told us something. I decided to listen – that was my obsession.

To understand her better, and to see whether she had some kind of alien technology that allowed her to communicate with other species, I decided to follow her home. I thought that the place might explain something about her family, the people she lived with. Nothing. She was alone. No family, no friends. Or maybe I simply couldn't see it. I was blind to what was different. I would understand that later.

It was a house in the middle of nowhere. The voice of the ocean, the winding paths, the swirling plants... And this girl. At first, she didn't see me. Then I heard machines. I tried to place the source of the mechanical sounds. What could it be? I wanted to ask her. But I wasn't the one who could speak into the heads of others; she was. And she spoke to me.

"That's the sound of work. Your species forgot that sound."



My species? I knew it! She wasn't just alien to us, a foreigner from a different country, she was a foreigner from a different planet! Extraterrestrial. I was getting excited about discovering a new kind of being. I was becoming the explorer, and all the while she was talking about things as if from the opposite side.

"You used to be like me, once. Before the invention of these boxes in your hands. You used to truly feel, think with your free will, and create for one another, together. Do you remember what that feeling was like? Probably not. You are young. Too young to remember."

That was even more shocking. This alien was in a human body, and was younger. You had to see her to understand! She was my age, a teen! But no. She sounded old. Like our lady of hope! As if she heard my words – sure, she could hear my words. She spoke back to me.

"I'm the same. Just older than you. Trapped in this body, I am unsure whether it is a superpower or a curse. We seem younger; we seem almost like children. Maybe because we live in the past, with tradition. You only see me, but I am not alone."

"Who are you?" I managed to ask.

With expectation, hope... Or frustration, or even fear? I did not know. But it was no longer just curiosity or the thrill of discovery. Something deeper now: her voice in patterns and images, carrying history and culture straight into my heart and soul. I can only translate what I felt into words for you to understand. But imagine if these words ran in your veins – each new meaning transforming you, making everything harder to grasp, yet more real.

"We are the only human beings left who still carry the tradition."

"What tradition?" I wanted to ask, but the ocean swallowed my voice. Only the wind and waves could be heard. I was unable to go back, yet afraid to stay. But I could hear the waves, or rather, I could understand the words in the waves, as if I were surfing them, touching them with my body, perceiving every single line and movement.

"Let me show you," she said. She, the girl; she, the sea.

There was no difference. I heard. I saw. I perceived.

We started to climb; we started to fall, part of the waves, part of the ocean, like a rollercoaster, up and down. That's how island life felt: everything could change in a second.

mitia comunicar com outras espécies, decidi segui-la até casa. Pensei que aquele lugar pudesse explicar algo sobre a sua família, as pessoas com quem ela vivia. Nada. Vivia sozinha. Sem família, sem amigos. Ou talvez eu simplesmente não os conseguisse ver. Estava cega para o que era diferente. Viria a compreender isso mais tarde.

Era uma casa no meio de nenhures. A voz do oceano, os caminhos sinuosos, as plantas que se entrelaçavam... E aquela rapariga. No início, não me viu. Depois, ouvi máquinas. Tentei localizar a origem dos sons mecânicos. O que poderiam ser? Quis perguntar-lhe. Mas não era eu quem conseguia falar diretamente na mente dos outros; era ela. E ela falou comigo.

"É o som do trabalho. A tua espécie esqueceu-se deste som."

A minha espécie? Eu sabia! Ela não era apenas uma estranha para nós, vinda de outro país, era uma estrangeira de outro planeta. Extraterrestre. Comecei a ficar animada com a perspetiva de descobrir um novo tipo de ser. Estava a transformar-me em exploradora, tudo enquanto ela me falava das coisas como se estivesse do outro lado.

"Vocês já foram como eu, outrora. Antes da invenção dessas caixas que transportam nas vossas mãos. Costumavam verdadeiramente sentir, pensar com o vosso livre arbítrio e criar, uns para os outros, juntos. Lembras-te desse sentimento? Provavelmente não. És jovem. Demasiado jovem para te poderes lembrar."

Isso chocou-me ainda mais. Esta extraterrestre tinha um corpo humano e era jovem. Tinham de a ter visto para perceber! Parecia ter a minha idade, uma adolescente! Mas, não. Soava velha quando falava. Como a Nossa Senhora da Esperança! Como se tivesse ouvido as minhas palavras – claro que conseguia ouvir as minhas palavras –, respondeu-me:

"Sou igual. Só que mais velha que tu. Presa neste corpo, não sei ao certo se é um superpoder ou uma maldição. Parecemos mais jovens; parecemos quase crianças. Talvez porque vivemos no passado, com a tradição. Só me vês a mim, mas não estou sozinha."

"Quem és?", consegui perguntar.

Com expectativa, esperança... Ou frustração, ou até medo? Não sabia. Mas já não era apenas curiosidade ou a emoção da descoberta. Agora era algo mais profundo: a



voz dela, em padrões e imagens, transportava história e cultura diretamente para o meu coração e para a minha alma. Tento traduzir o que senti em palavras, para que possas compreender. Mas imagina que estas palavras correm nas tuas veias – cada novo significado a transformar-te, tornando tudo mais difícil de compreender, mas também mais real.

"Somos os únicos seres humanos que ainda transportam consigo a tradição."

"Que tradição?", quis perguntar, mas o mar engoliu a minha voz. Só se ouviam o vento e as ondas. Não conseguia voltar atrás, mas tinha medo de ficar. Contudo, conseguia escutar as ondas, ou melhor, conseguia compreender as palavras nas ondas, como se estivesse a navegá-las, a tocá-las com o meu corpo, a perceber cada linha e cada movimento.

"Deixa-me mostrar-te", disse ela. Ela, a rapariga; ela, o oceano.

Não havia diferença. Escutei. Vi. Percebi.

Começámos a subir, começámos a descer; parte das ondas, parte do oceano, como uma montanha-russa, para cima e para baixo. Era assim a vida na ilha: tudo podia mudar num segundo.

Agora estava convencida: ela sempre tinha sido daqui, nunca uma forasteira, nunca estrangeira.

O padrão regressou, visível na superfície do mar. Ainda estávamos em terra, não na água; era apenas uma sensação, a sensação de compreender esta nova linguagem da natureza. Pertencíamos à terra, mas, de repente, estávamos dentro de um edifício. O som agora era diferente: mecânico, o som de máquinas...

Trrrum, trrrum, trrrrum! Trac tiqui tac! "Anseio por ser mecanizada!"[1]

Cantavam o poema como se fosse uma canção enquanto trabalhavam com as máquinas. Sim, elas! Agora via mais pessoas a perguntar: "Queres ajudar?"

Em nome de Nossa Senhora da Ajuda, sim, quero!

Mas não sabia o que fazer. Fiquei ali, indecisa, a observar o trabalho a ser feito.

A máquina movia-se, um braço levantado; partes humanas e mecânicas em harmonia.

1 De Nazım Hikmet Ran, "Makinalaşmak İstiyorum" [Anseio por ser mecanizado], in *Bütün Şiirleri* (Istambul: Yapı Kredi Yayınları, 2016).

I was convinced now: she had always been a local, never an alien or a stranger.

The pattern returned, visible on the surface of the ocean. We were still dry, not in the water; it was just a feeling, the sense of understanding this new language of nature. We belonged to the earth, but were suddenly inside a building. The sound was different now: human-made, the sound of machines...

Trrrum, trrrum, trrrrum! trak tiki tak! "I long to be mechanised!"[1]

They were singing the poem as a song while working with the machines. Yes, they! Now I could see more people asking, "Would you like to help?"

In the name of our lady of help, yes, I would!

But I didn't know what to do. I stood there, uncertain, watching the work being done.

The machine moved, an arm raised; human and mechanical parts in harmony.

The human arm was mechanical itself; a human-like machine.

Now I understood: She was referring to these old-school techniques.

Were they deniers of technology? Living in the past, like elderly people stuck in time?

I forgot they could hear my thoughts. I heard their laughter.

"We sustain ourselves, we survive. That is the difference. The rest is the same. You do not see how well we are connected to your present time; you can only see if your eyes are willing. It is not about visual capability; it's about openness."

Songs filled my mind, opening my heart and soul. One simple question opened the door to a completely new world:

"How can I help?"

I became the machine now – creating, growing hope through labour, bringing products from the sea to the land. Materials arrived; life moved faster here. How had I not noticed before? There was meaning here!

My perspective was different. That is why we needed each other. Strange is here. Strange is me. I have chosen to see.

1 From Nazım Hikmet Ran, "Makinalaşmak İstiyorum" [I Long to be Mechanised], in *Bütün Şiirleri* (Istanbul: Yapı Kredi Yayınları, 2016).

O braço humano era, ele mesmo, mecânico; uma máquina semelhante a um ser humano.

Agora compreendia: ela referia-se a estas técnicas à moda antiga.

Seriam negacionistas da tecnologia? A viver no passado, como velhas presas no tempo?

Esqueci-me de que conseguiam ouvir os meus pensamentos. Ouvi-as a rir-se.

"Nós sustentamo-nos, sobrevivemos. Essa é a diferença. O resto é igual. Não percebes como estamos ligadas ao teu tempo presente; só consegues ver se os teus olhos estiverem dispostos a isso. Não se trata de capacidade visual; trata-se de disponibilidade."

Canções encheram a minha mente, abrindo o meu coração e a minha alma. Uma simples pergunta abriu a porta para um mundo completamente novo:

"Como posso ajudar?"

Agora tornei-me a máquina – a criar, a fazer crescer a esperança através do trabalho, a trazer produtos do mar para a terra. Os materiais chegavam; a vida aqui avançava mais depressa. Como é que não tinha reparado nisto antes? Havia aqui sentido!

A minha perspetiva mudara. É por isso que precisávamos umas das outras. A estrangeira está aqui. A estrangeira sou eu. Escolhi ver.

Procurei uma forma de expressão: como refletir os meus pensamentos, como comunicar como elas. Estávamos numa sala espaçosa, num edifício antigo com um design moderno: técnicas antigas, máquinas novas. Éramos fortes e produtivas, em harmonia com a natureza, falando a partir do oceano. Fazia parte de uma nova comunidade, mas ansiava por encontrar outras pessoas com quem partilhar a história.

Assim, regressei sem me despedir. Elas provavelmente perceberam. Como duas espécies diferentes, fizéramos as pazes; a Senhora da Paz cumprimentou-me, ou talvez eu tenha apenas imaginado as saudações de outra senhora.

Nos dias que se seguiram, não vi a rapariga estranha na aula, na escola, no pátio, nem em mais lado nenhum. Tentei percorrer o mesmo caminho, seguir pela mesma estrada até sua casa, mas perdi-me. Era impossível. Desta vez, não queria ser encontrada, pensei. Ou talvez... Outra pessoa tivesse ocupado o meu lugar. Tinham desis-

I searched for expression: how to reflect my thoughts, how to communicate like them. We were in a vast room, in an old building with a new design: old techniques, new machines. We were strong and productive, in harmony with nature, speaking from the ocean. I was part of a new community, but longing for others to share the story with.

I went back, without saying farewell. They were probably aware. Like two different species, we made peace; Senhora da Paz greeted me, or perhaps I only imagined these greetings from another lady.

In the days after, I did not see the strange girl in class, at school, in the yard, or anywhere else. I tried to follow the same path, took the same road to her place, but got lost. It was impossible. They did not want to be found this time, I thought. Or maybe... Someone else had taken my place. They had given up on me. I do not know. I was frustrated – alone, sitting by myself and remembering every detail.

Then I started to imagine my own pattern. To present myself, my presence needed to be revealed. Now was the time for me to reach others, to be noticed, respected, even appreciated.

I began to speak in my own way. Then I started to see the little girl in every face I encountered. We found each other in a new language. We left our devices behind, began to do our work by hand, with support from the waves, dancing in the ocean, surfing on knowledge and experience.

One day, a little girl approached me and asked, "Can I help?"

I wanted to say: "Let's not just help each other, let's..."

I did not know how to finish the sentence. In that moment, I heard *her* words in my soul, supporting mine, even uplifting them:

"Let's move beyond help. Let's belong to each other."

The pattern continues here by the ocean, wave after wave. We meet strangers every day, each showing the way. ■

tido de mim. Não sei. Estava frustrada – sozinha, sentada por minha conta e a recordar cada pormenor.

Então comecei a imaginar o meu próprio padrão. Para me apresentar, a minha presença precisava de ser revelada. Chegara o momento de alcançar as outras, de me fazer notar, respeitar e até de deixar-me ser apreciada.

Comecei a falar à minha maneira. Depois, comecei a ver a rapariga em cada rosto que encontrava. Encontrámo-nos numa nova linguagem. Largámos os nossos dispositivos, começámos a fazer o nosso trabalho à mão, com o apoio das ondas, a dançar no mar, a navegar o conhecimento e a experiência.

Um dia, uma menina aproximou-se de mim e perguntou: "Posso ajudar?"

Quis dizer: "Não nos limitemos a ajudar-nos uma à outra, que tal..."

Não sabia como terminar a frase. Naquele momento, ouvi as palavras *dela* na minha alma, a apoiar as minhas, até mesmo a elevá-las:

"Não nos limitemos a ajudar-nos uma à outra. Que tal pertencermos juntas?"

O padrão continua aqui junto ao oceano, uma onda após a outra. Encontramos estrangeiras todos os dias, cada uma mostra o caminho. ■

So, what would your pattern look like?

E então, como seria o teu padrão?

Granger of the Island

Seran Demiral

Granger da Ilha

Seran Demiral



This contribution reflects on a visit to Casa de Trabalho do Nordeste in São Miguel, where we conducted an interview with Maria Fátima Leite, the centre's lead artisan. The phrase "*Young people? No way!*" is intentionally repeated to draw attention to the need to make the Casa de Trabalho a more attractive place for younger generations. For us, as visitors from other countries, the centre represented a site of cultural transmission: a bridge connecting generations of women through culture and design over many years.

The costumes on display, crafted by local women, beautifully showcased traditions from both the island and Portuguese culture at large. By weaving direct quotes from our interview into a poetic text, my aim is to capture Fátima's pride as a creator witnessing her work come to life. This transformation from design to fashion, and from solitary creation to cooperative action (in the form of dance and folklore), becomes a living performance of heritage and innovation. To reflect the local women's practice of telling stories and teaching traditions in person through experiences rather than textbooks, I adopt the metaphor of "human books" from Bradbury's Fahrenheit 451.

Este contributo surge na sequência de uma visita à Casa de Trabalho do Nordeste, em São Miguel, onde entrevistámos Maria Fátima Leite, a artesã responsável pelo centro. A expressão "*Mas jovens? Nem pensar!*" repete-se intencionalmente para chamar a atenção para a necessidade de tornar a Casa de Trabalho num espaço mais atrativo para as novas gerações. Para nós, visitantes de outros países, o centro representa um espaço de transmissão cultural: uma ponte que, ao longo de muitos anos, ligou gerações de mulheres através da cultura e do design.

Os trajes em exposição, confecionados pelas mulheres locais, davam a conhecer de forma admirável as tradições da ilha e da cultura portuguesa. Ao entretecer citações diretas da nossa entrevista num texto poético, procuro refletir o orgulho de Fátima, enquanto criadora, que vê o seu trabalho ganhar vida. Esta transformação do design em moda e da criação individual em ação coletiva (sob a forma de dança e folclore) torna-se testemunho vivo do património e da inovação. Para refletir a prática das mulheres locais de contar histórias e transmitir tradições presencialmente, através de experiências e não de textos escritos, recorro à metáfora dos "livros humanos" de *Fahrenheit 451*, de Bradbury.

Granger of the Island

In the dystopian novel *Fahrenheit 451*, written by American science-fiction writer Ray Bradbury, firefighters do not put out fires; instead, they destroy books. As a strategy of resilience in this dark future of censorship, a group of intellectuals set about memorising books in order to transmit the stories that they contain from generation to generation. As we know from the history of narrative practices, human beings must tell stories when nothing is written down, just as the tradition of oral storytelling precedes the emergence of the book.

The leader of the group, Granger, encourages the others to spread knowledge in a world of oppression, change, and ignorance. This poem, by Granger from Nordeste, was inspired by our conversation with Fátima. Since Fátima represents the tradition of making things by hand, and using cultural techniques to tell people's stories, she also fulfils a metaphorical function: her words, taken from our interview, show us the uniqueness of her presence along with a hint of frustration with the speed and impatience of the present day, thus underlining the need for patience and consistency in creation.

Sometimes a written text can reach readers across a period of centuries; sometimes stories are made to be told from mouth to ear, for those eager to listen. What stayed with us after our meeting with Fátima was the value of in-person communication and sharing in a common place. This short text is intended to reflect our imagination, at the same time as it is an invitation to the young to consider the importance of tradition and its power to make positive change. ■

Granger da Ilha

No romance distópico *Fahrenheit 451*, escrito pelo autor norte-americano de ficção científica Ray Bradbury, os bombeiros não apagam incêndios; pelo contrário, destroem livros. Como estratégia de resistência neste futuro sombrio de censura, um grupo de intelectuais decide memorizar livros de forma a que seja possível transmitir, de geração em geração, as histórias que estes contêm. Como sabemos pela história das práticas narrativas, quando nada está escrito os seres humanos têm de contar histórias, tal como a tradição oral antecede o aparecimento do livro.

Granger, o líder do grupo, incentiva os outros a divulgar o conhecimento num mundo de opressão, mudança e ignorância. Este poema, Granger do Nordeste, foi inspirado pela nossa conversa com Fátima, que representa a tradição do trabalho manual. Ao usar técnicas culturais para contar as histórias das pessoas, ela desempenha também uma função metafórica: as suas palavras, transcritas da nossa entrevista, revelam a singularidade da sua presença e deixam transparecer alguma frustração com o ritmo e a impaciência dos dias de hoje, sublinhando assim a necessidade de paciência e perseverança na criação.

Por vezes, um texto escrito pode chegar a leitores séculos depois; por vezes, as histórias destinam-se a ser contadas de boca em boca, a quem queira escutá-las. O que trouxemos connosco do encontro com Fátima foi a importância da comunicação presencial e da partilha num espaço comum. Este breve texto procura espelhar a nossa imaginação e, ao mesmo tempo, convidar a juventude a considerar a importância da tradição e o seu poder para promover mudanças positivas. ■



Granger from Nordeste

Our work is "not written down,"
I share this because it is necessary:
"I'm the only one" on the island
To preserve and represent.
But young people? No way!

I "feel proud" when I make friends,
Encountering cultures in conversations.
Watching the swirl of colourful dresses,
"We are the only ones" who make that.
But young people? No way!

In dancing, remembering, and singing along.
"Colours, material, everything."
As women dance in the dresses I created,
Pride is a deep feeling within my heart.
But young people? No way!

"You really teach by showing"
But how can I catch their interest?
"Sometimes you want to leave"; sometimes you want to change...
How to invite new people here to cooperate?
But young people? No way!

"You feel like you can't" go away when you are part of a place,
Even if we were "from different countries."
Do not shut it down, please,
Instead, gather together on the island of São Miguel.
"Saw the workshop... Came to learn"
Young people, always together.

Granger do Nordeste

O nosso trabalho "não está gravado",
Partilho por necessidade:
"Sou a única" na ilha
A preservar e a representar.
Mas jovens? Nem pensar!

"Sinto orgulho" quando crio amizades,
Quando encontro culturas nas conversas.
Quando vejo o rodopio de vestidos coloridos,
"Somos as únicas" a fazê-lo.
Mas jovens? Nem pensar!

A dançar, a recordar e a cantar em coro.
"As cores, o tecido, tudo."
As mulheres dançam com vestidos que criei,
E de orgulho se enche o meu coração.
Mas jovens? Nem pensar!

"A gente ensina é mostrando"
Mas como os posso cativar?
"Às vezes, dá vontade de partir"; outras vezes, de mudar...
Como chamar novas pessoas para aqui colaborar?
Mas jovens? Nem pensar!

"Não conseguimos partir" quando somos de um lugar,
Mesmo que sejamos "de países diferentes."
Peço-vos, por favor, não deixem o centro fechar,
Em vez disso, venham cá, à ilha de São Miguel.
"Vi o *workshop*... Vim aprender"
E as pessoas jovens? Connosco, sempre.

Second Life, Life Lessons: Listening to a Banana Plant

Lamprini Chartofylaka,

Amadea Kovič

Segunda Vida, Lições de Vida: Escutar uma Bananeira

Lamprini Chartofylaka,

Amadea Kovič



This chapter presents a story built from elements of an interview we conducted with Vanessa Melo, coordinator of MUSAZ, during a banana fibre workshop. MUSAZ (founded in 2023) promotes the sustainable and socially inclusive use of the banana plant (genus *Musa*) by transforming its biowaste into fibre, crafts, art, and design.

Rather than simply reporting the workshop, however, our creative method draws on parts of our interview transcript to recount the process by which plant waste can be transformed into material for other uses, and deploys this transformation as a narrative thread. Along the way, four small lessons surface as opportunities to reflect on how the patience, care, and creativity of this craft say something about how we might take care of ourselves. The sketches in this chapter are yours to colour as you read. At the end of the story, you will find a short activity that invites you to imagine, write, and make drawings of your own.

Methodologically speaking, this chapter draws on narrative inquiry[1] and arts based research[2], which treat storytelling not merely as illustration but as a legitimate mode of producing and communicating knowledge. Following the logic of poetic transcription[3], excerpts from our interview with Vanessa Melo are woven, largely unchanged, into a composite creative narrative. The resulting story does not claim to reproduce the entire interview verbatim, however; rather, it reorganises and reimagines its content to foreground both the technical process of transforming banana fibre and the reflective, wellbeing-oriented lessons that arise from the process.

1 D. Jean Clandinin & F. Michael Connelly, *Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research* (Jossey-Bass, 2004).

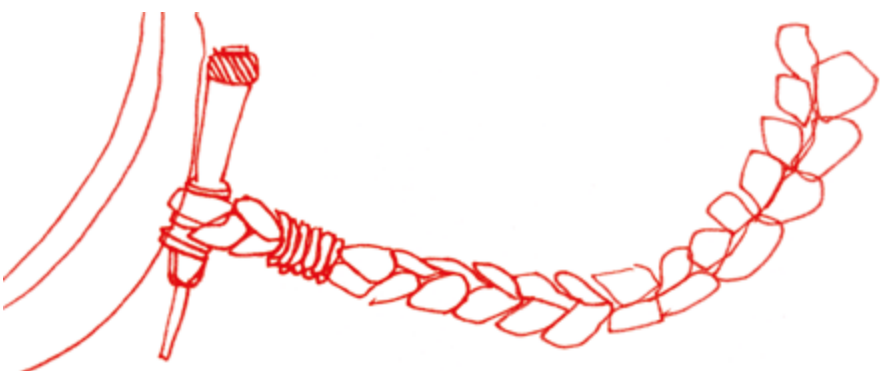
2 Tom Barone & Elliot W. Eisner, *Arts Based Research* (Sage, 2012).

3 Rachel Romero, "Poetic Transcription in the Sociology Classroom: Developing Empathy, Analytical Skills, Creativity, and Engagement," *Teaching Sociology* 48, no. 3 (2020), https://doi.org/10.1177/0092055X20923703.

Este capítulo apresenta uma história construída a partir de elementos de uma entrevista com Vanessa Melo, coordenadora da MUSAZ, realizada no decurso de um *workshop* sobre a fibra de bananeira. A MUSAZ (fundada em 2023) promove o uso sustentável e socialmente inclusivo da bananeira (género Musa) através da transformação dos seus biorresíduos em fibras e peças de artesanato e design.

Em vez de simplesmente fazermos o relato do *workshop,* o nosso método criativo recorre a excertos da transcrição da entrevista para narrar o processo através do qual os resíduos vegetais são transformados em matéria-prima para outros usos, apresentando essa mudança como fio condutor da narrativa. Quatro pequenas lições emergem ao longo do processo, oferecendo a oportunidade de refletir sobre como a paciência, o cuidado e a criatividade inerentes a este ofício nos dizem algo sobre a forma como podemos cuidar de nós próprios. Os desenhos neste capítulo são para si, e pode colori-los enquanto lê. No final da história, encontrará também uma breve atividade que convida a imaginar, escrever e fazer os seus próprios desenhos.

Do ponto de vista metodológico, este capítulo recorre à investigação narrativa[1] e à investigação baseada nas artes[2], que encaram a narração de histórias (*storytelling)* não como mera ilustração, mas como um modo legítimo de produzir e comunicar conhecimento. Seguindo a lógica da transcrição poética[3], excertos da nossa entrevista com Vanessa Melo são entretecidos, em grande medida inalterados, nesta narrativa criativa. A história resultante não pretende, contudo, reproduzir integralmente a entrevista, palavra por palavra; pelo contrário, reorganiza e reimagina o seu conteúdo por forma a destacar tanto o processo técnico de transformação da fibra de bananeira como as aprendizagens reflexivas acerca do cuidado e do bem-estar que dele decorrem.



Second Life, Life Lessons: Listening to a Banana Plant

In the garden of MUSAZ, each year, a banana plant grows tall enough to bear fruit. Then it stops growing, and something wonderful happens: What's left behind isn't thrown away. It waits to become something else.

A woman named Vera, who takes care of this garden, came to visit the banana plant with a small knife.



She wasn't alone; children from all around the world had come to see it too.

Vera didn't cut down the plant to hurt it. She cut it down to listen to it.

"*Let's see what you're hiding*," she said, and began peeling back the plant's long green skin, one layer at a time, like pages in a book. They made a small crackling sound, almost like tearing paper, and smelled surprisingly sweet. Inside, the plant was full of secrets. Some layers were soft and almost transparent, like silk. Others were rough and strong, like rope. Some were somewhere in between. Vera counted six different kinds of fibre, all living inside a single stem, waiting.

"*How did you know they were all in there?*" asked a curious child.

"*I didn't, at first*," said Vera. "*The plant taught me slowly. If I pull too fast, the fibre breaks. If I'm patient, it becomes soft in my hands.*"

LESSON ONE: Some things can only be understood by slowing down.

Segunda Vida, Lições de Vida: Escutar uma Bananeira

No jardim da MUSAZ, todos os anos, uma bananeira cresce o suficiente para dar fruto. Depois, deixa de crescer, e algo maravilhoso acontece: o que sobra não vai para o lixo, fica à espera de se transformar noutra coisa.

Uma mulher chamada Vera, que cuida deste jardim, veio visitar a bananeira com uma pequena faca. Não veio sozinha; vieram também crianças de todo o mundo.

A Vera não cortou a planta para a magoar. Cortou-a para a escutar.

"*Vamos lá ver o que escondes*", disse, e começou a descascar a longa pele verde da planta, uma camada de cada vez, como se fossem as páginas de um livro. As camadas soltavam-se com um pequeno estalido, quase como papel a rasgar, e emanavam um cheiro surpreendentemente doce. Por dentro, a planta estava cheia de segredos. Algumas camadas eram macias e quase transparentes, como seda. Outras eram ásperas e fortes, como corda. Outras ainda ficavam a meio caminho. A Vera contou seis tipos diferentes de fibras, todas habitando um único caule, à espera.

"*Como sabias que estavam todas aí dentro?*", perguntou uma criança curiosa.

"*A princípio, não sabia*", disse a Vera. "*A planta é que me foi ensinando. Se puxo depressa demais, as fibras partem-se. Se for paciente, ficam macias nas minhas mãos.*"

LIÇÃO NÚMERO UM: Algumas coisas só podem ser compreendidas se abrandarmos.



Vera laid the strips out flat in the sun to dry, and then rolled them up like little scrolls, tied up loosely with thread. Others she left fresh and wet.

"*Why not dry them all the same way?*" a child questioned.

"*Because each one wants something different*," Vera smiled. "*Fresh, they're soft and easy to bend. But once they dry, they hold their shape and grow stronger. I have to ask each piece what it needs*."

"*Where does the strongest fibre come from?*" one of the children asked.

"*Down here*," said Vera, touching the bottom of the stem, near the roots. "*That's where the plant needs to be strong, to hold everything up. The higher you go, the softer it gets...*"

LESSON TWO: Not every material has the same fate – and neither do we, even though we may share a beginning.

Next, Vera took the thinnest strips and began to twist them together, over and over, joining one piece to the next so that it wouldn't break.

"*Look, now they're becoming a thread*," she said.

"*It's like drawing with your hands*," said a child.

"*Exactly. Feel it, almost like cotton, isn't it? One fibre alone is fragile. Pull it, and it snaps, just like that. But eight fibres, twisted together, hold. That's enough to spin into thread on the wheel*."

"*Did you figure that out all by yourself?*" asked one of the children.

"*Not all by myself. Once, I talked to a woman far away who studies plants like this one. She works with banana plants from India. We had never met, but somehow, we'd both found the same secret. And she isn't the only one: In Ecuador, people twist this fibre into hats. In Brazil, they weave it into pillows and paper. And on the Canary Islands, an artisan taught me how to dry the strips slowly, the way I showed you before. The plant keeps teaching the same lesson, in different hands, all over the world*."

LESSON THREE: Small things, when joined together, become something much stronger.



A Vera estendeu as tiras ao sol para secarem e, depois, enrolou-as como pequenos pergaminhos, atando-as com um fio, sem apertar. Deixou outras frescas e húmidas.

"*Porque é que não as secas todas da mesma maneira?"*, perguntou outra criança.

"Porque cada uma quer uma coisa diferente", respondeu a Vera a sorrir. "Quando são frescas, são macias e fáceis de dobrar. Mas, depois de secarem, mantêm a forma e ficam mais resistentes. Tenho de perguntar a cada pedaço do que precisa."

"De onde vem a fibra mais resistente?", questionou mais uma das crianças.

"Daqui de baixo", disse a Vera, tocando na parte de baixo do caule, perto da raiz. *"É aqui que a planta tem de ser forte, para sustentar tudo o que existe acima. Quanto mais para cima, mais macia fica..."*

LIÇÃO NÚMERO DOIS: Nem todos os materiais têm o mesmo destino – e nós também não, mesmo que partilhemos o mesmo início.

At the very end, Vera gathered the pieces that she hadn't used: the scraps, the leftover bits, the parts too rough for thread. She dried them, salted them, and blended them into a soft pulp.

"*What's it going to be now?*" one of the children asked.

"*Paper*," said Vera, pressing it flat. "*Thick here, so it holds things. Thin here, so the light shines through.*"

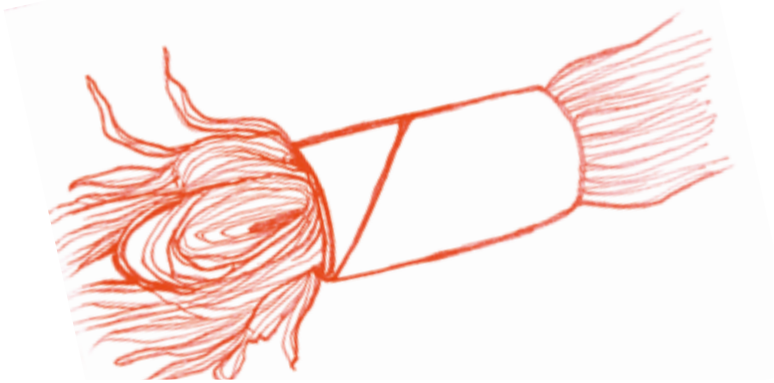
She wrapped up a small stack and tied it with a bow.

"*Even the leftover parts*," she said, "*get to become something.*"

LESSON FOUR: Nothing has to be wasted. Everything can still become something new.

One of the children looked at the thread, the basket, and the paper, all made from a single banana plant, and asked, "*How did you know it could become all of that?*"

Vera shook her head. "*I didn't know at the start. The plant showed me, one shape at a time. If you're patient enough, and you pay attention with your hands, things show you what they can become.*" ■



A seguir, a Vera pegou nas tiras mais finas e começou a torcê-las, unindo um pedaço ao seguinte de maneira a criar um longo fio.

"Olhem, agora estão a transformar-se num fio", disse.

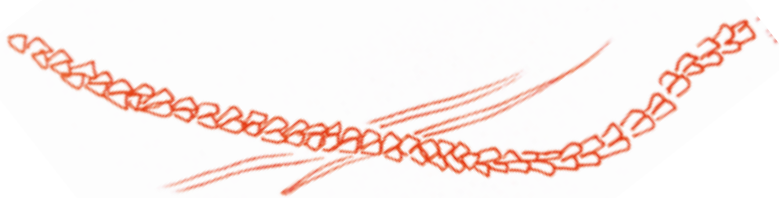
"É como desenhar com as mãos!", exclamou uma criança.

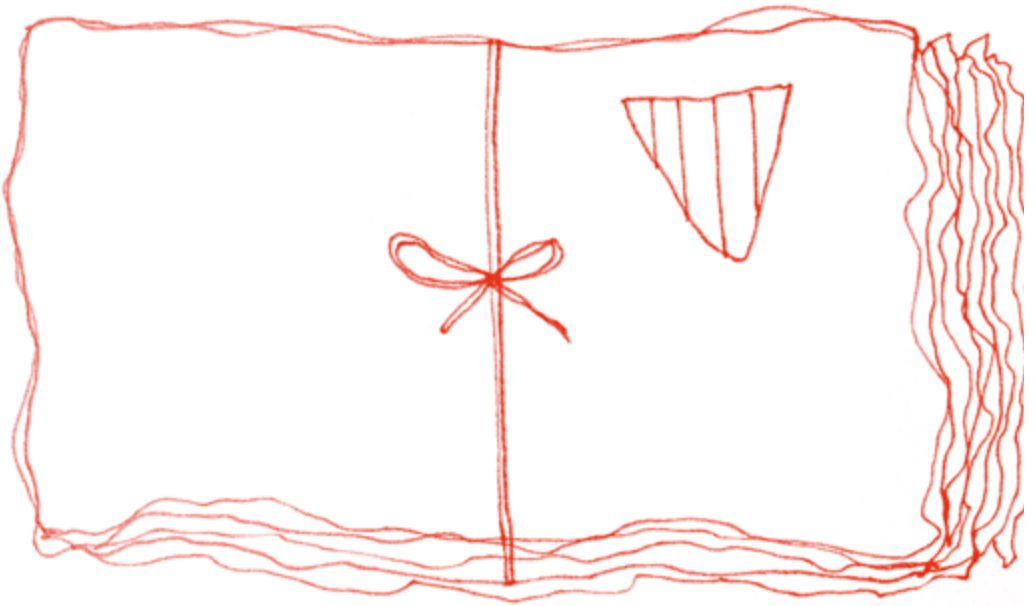
Exatamente. Sintam. Quase parece algodão, não é? Uma fibra sozinha é frágil. Se a puxarmos, parte-se, assim. Mas oito fibras unidas aguentam o suficiente para fiar um fio na roca."

"Descobriste isso tudo sozinha?", indagou outra criança.

"Não completamente sozinha. Uma vez, falei com uma mulher que vive longe e estuda plantas como esta. Trabalha com bananeiras da Índia. Não nos conhecíamos, mas, de certa maneira, ambas descobrimos o mesmo segredo. E ela não é a única: no Equador, as pessoas torcem estas fibras e transformam-nas em chapéus. No Brasil, tecem-nas para fazer almofadas e papel. E, nas Canárias, um artesão mostrou-me como secar as fitas devagar, como vos mostrei há bocadinho. A planta está sempre a ensinar a mesma lição, através de mãos diferentes, em todo o mundo."

LIÇÃO NÚMERO TRÊS: Pequenas coisas, quando unidas, tornam-se em algo muito mais forte.





No final, a Vera reuniu os pedaços que não tinha utilizado: aparas, restos, pedaços demasiado ásperos para serem usados para fazer fio. Secou-os, salgou-os e triturou-os até obter uma pasta macia.

"E agora, o que vai ser?", questionou uma das crianças.

"Papel", disse a Vera, alisando-a. *"Espesso aqui, para ser resistente. Fino aqui, para deixar passar a luz."*

Embrulhou um pequeno maço e atou-o com um laço.

"Até os restos", disse, *"podem tornar-se alguma coisa."*

LIÇÃO NÚMERO QUATRO Nada tem de ser desperdiçado. Tudo se pode transformar numa coisa nova.

Uma das crianças olhou para o fio, para o cesto e para o papel, todos feitos de uma única bananeira, e perguntou, **"***Como é que sabias que se podia transformar nisso tudo?"*

A Vera abanou a cabeça. *"Ao princípio não sabia. Foi a planta que me mostrou, uma forma de cada vez. Se tiveres paciência e prestares atenção com as mãos, as coisas mostram-te em que é que se podem transformar."* ■

Story activity: what else could become something new?

The fibres of the banana plant became thread, baskets, and paper. Think of something else – a plant, an object, some leftovers from your kitchen or garden – and imagine what it could become if someone was patient enough to listen to it.

What I choose:

What it could become, and how:

Draw it here:

Atividade: que outra coisa se poderia tornar em algo novo?

As fibras da bananeira transformaram-se em fio, cestos e papel. Pensa noutra coisa – uma planta, um objeto, sobras da cozinha ou do jardim – e imagina no que se poderia transformar se alguém tivesse a paciência de a escutar.

O que escolhi:

No que se podia transformar e como:

Desenha aqui:

Wicker: Handed Down, Woven Through

Morana Jarec,

Amanda Tavares

Vime Entrelaçado, Legado Herdado

Morana Jarec,

Amanda Tavares



This contribution reflects on the craftwork of Alcídio and João Andrade, two artisans from Água de Pau who specialise in making wicker baskets. With a combined practice that spans decades, these men are experts in using the island's geothermal features, such as fumaroles, to prepare the fibres for weaving. However, although the Andrades' work has received a degree of international recognition, the weaving techniques that they preserve face a challenge common to many artisans in São Miguel: very few people are interested in learning their craft and keeping the tradition alive.

We take this condition of precarious artisanal practice as our point of departure, choosing to work with visual/concrete poetry with a strong rhyme scheme to highlight the themes of intermediality, curiosity, and form. We, the authors, were not able to visit the Andrades' atelier in person, and instead relied on images, interviews, impressions, and other materials collected by our colleagues to develop this piece. These processes of mediation and story-sharing prompted us to contemplate the ways in which knowledge is (or is not) circulated and perceived, as well as the visualisation of immaterial heritage. Our use of visual poetry as a support is therefore intended to uphold the tension between the verbal and the visual, and to reflect on the complementarity between the tangible and the projected, the documented and the imagined, the past and the future. ■

Este contributo presta homenagem ao trabalho artesanal de Alcídio e João Andrade, dois artesãos de Água de Pau especialistas na confeção de cestos de vime. Com uma prática conjunta que se estende por várias décadas, estes homens são especialistas no aproveitamento das particularidades geotérmicas da ilha, como as fumarolas, para preparar o vime que posteriormente irá ser trabalhado. O trabalho de ambos tem recebido reconhecimento internacional, porém as técnicas de cestaria que preservam enfrentam um desafio sentido por muitos artesãos de São Miguel: o desinteresse em aprender o ofício e manter a tradição viva.

Partimos desta realidade de precariedade da prática artesanal e optamos por trabalhar com poesia visual/concreta, com um esquema de rima marcado, para destacar os temas da intermedialidade, da curiosidade e da forma. Nós, as autoras, não pudemos visitar pessoalmente a oficina dos Andrade, pelo que recorremos a imagens, entrevistas, impressões e outros materiais recolhidos pelas nossas colegas para desenvolver esta peça. Estes processos de mediação e partilha de histórias levaram-nos a refletir sobre as formas como o conhecimento circula (ou não) e é percecionado, assim como o modo como o património imaterial é representado. A utilização da poesia visual como suporte visa, assim, manter a tensão entre os aspetos verbal e visual e refletir sobre a complementaridade entre o tangível e o projetado, o documentado e o imaginado, o passado e o futuro. ■

ORIGINS • *ORIGENS*

ON AN ISLAND KISSED BY SEA AND SKY, WHERE WAVES AND WINDS TOGETHER SIGH

WILLOWS STAND BOTH STRONG AND TALL, AWAITING HARVEST'S CERTAIN CALL

THEY WAIT EACH YEAR THROUGH SUN AND RAIN, THEN OFFER UP THEIR GIFT AGAIN

THE HARVEST COMES WITH CAREFUL HANDS, TAKING NO MORE THAN NATURE GRANTS

BEFORE A BASKET FINDS ITS PLACE, THE WILLOW FIRST MUST LEAVE ITS SPACE

MORE PRECIOUS THAN IT FIRST APPEARS, EACH FIBRE HOLDS THE CRAFT OF YEARS

NUMA ILHA BEIJADA POR CÉU E MAR, ONDE BRISA E MARÉ VIEM DESENHAR.

ALTIVOS SALGUEIROS AGUARDAM DE PÉ, À ESPERA DA COLHEITA, CERTA

ANO APÓS ANO, ENTRE SOL E AGUACEIRO, O SEU DOM VOLTAM A DAR POR INTEIRO

CHEGADA A COLHEITA, MÃOS DE CUIDADO, LEVAM APENAS O QUE A NATUREZA TEM DADO

SÓ É POSSÍVEL CRIAR ESTE PRODUTO LOCAL, SE O VIMEIRO NOS DER PRIMEIRO O SEU AVAL

PRESENTE DESTES TERRITÓRIOS AGORIANOS, CADA FIBRA CARREGA A ARTE DE ANOS

FOR WEEKS AND WEEKS THE BRANCHES SOFTEN, NOT FEARING DEATH
BUT THE WAITING GAME HAS JUST BEGUN, NOW THEY LIE UNDER THE SUN
THEY FLEX AND BOW AND YIELD TO HEAT, ADAPTING QUICKLY, IN A BEAT
BOILED BY THE ISLAND'S WARM BREATH, THE BRANCHES REST, AND NATURE DOES WHAT IT DOES BEST
AND WHEN AT LAST THE FIBRES DRY, THE TIME WILL COME TO FLY AND TIE

SEMANAS A FIO, DESCANSAM EM PAZ, PARA QUE A NATUREZA FAÇA O QUE MELHOR FAZ
UMA LONGA ESPERA AGORA COMEÇA, E AO SOL SE ESTENDEM A SECAR SEM PRESSA
VERGAM, CURVAM-SE, CEDENDO AO CALOR, ADAPTAM-SE NUM INSTANTE SEM SENTIR DOR
NAS CALDEIRAS DA ILHA, DE HÁLITO QUENTE E FORTE, AS VARAS AMOLECEM, SEM TEMER A MORTE
E QUANDO, ENFIM, A FIBRA SECOU, É CHEGADA A HORA DE ATAR O QUE O SOL CUROU

WEAVING • ENTRANÇAR

THE ARTISAN BEGINS THE WEAVING DANCE
BUT SKILL IS NEVER LEFT TO CHANCE
STRAND BY STRAND, THE CIRCLE GROWS
A RHYTHM ONLY THE CRAFTSMAN KNOWS

BACK AND FORTH, UP AND DOWN
THE WEAVER WORKS WITHOUT A FROWN
HE'S PRECISE, HE IS CLEVER
HE HAS DONE THIS SINCE FOREVER

SUCH KNOWLEDGE CAN BE HARD TO FIND
YEARS OF PRACTICE, INTERTWINED
FROM WILLOW BRANCH TO WOVEN ART,
EACH ENDING MARKS ANOTHER START

THE WILLOW BENDS BUT DOESN'T BREAK
IT TRUSTS THE ONE THAT SHAPES ITS FATE
THE BASKET'S HELD BENEATH THE FEET
WHILE PATIENT HANDS THE PATTERN MEET

VAI E VEM, DE CÁ PARA LÁ
TRABALHA O CESTEIRO SEM CARA MÁ
DE MÃO CERTEIRA, SEMPRE SAGAZ,
QUE DESDE SEMPRE É QUE ISTO FAZ

COMEÇA O CESTEIRO A SUA DANÇA
A SUA MÃO NADA AO ACASO LANÇA
VARA A VARA, O CÍRCULO CRESCE
A UM RITMO QUE SÓ O MESTRE CONHECE

ESTE SABER, TÃO RARO E ESCASSO:
ANOS DE PRÁTICA, LAÇO A LAÇO
DA VARA DE VIME À ARTE ENTRANÇADA
CADA FIM O COMEÇO DE OUTRA JORNADA

O VIME CURVA-SE, MAS NÃO SE PARTE
ALGUÉM LHE MOLDA O DESTINO COM ARTE
SOB OS PÉS A CESTA É MANTIDA
MÃOS PACIENTES, OBRA QUASE CUMPRIDA

THE FUTURE • O FUTURO

FATHER AND SON NOW WORK TOGETHER, ENDURING THE SEASONS' CHANGING WEATHER

NO GLOSSY PICTURES, NO ONLINE DISPLAY, YET VISITORS ARE BLOWN AWAY
PRODUCTS ARE ADMIRED AND SOLD, BUT THE CRAFT ITSELF REMAINS ON HOLD
A PRACTICE FROM THIS VERY LAND, AMONGST THE YOUNG DOES NOT EXPAND

EVERY CROSSING, EVERY HOOK, CANNOT BE LEARNT FROM PAGE OR BOOK
DESIRE AND A WILLING HEART ARE NEEDED TO PRACTISE THE ART
OH WICKER, BORN OF EARTH AND TIDE, YOU CARRY MORE THAN THINGS INSIDE
FOR SKILLS ARE GIFTS WE CANNOT BUY; THEY LIVE IF SHARED, THEY FADE IF SHY

PAI E FILHO TRABALHAM AGORA LADO A LADO, AGUENTANDO O TEMPO, SERENO OU ZANGADO

SEM FOTOS POLIDAS, SEM MONTRA DIGITAL, MAS TODOS OS QUE OS VISITAM SE DESLUMBRAM AFINAL
ADMIRAM-SE OS CESTOS E VENDEM-SE TAMBÉM, MAS O OFÍCIO, ESSE, PERMANECE SEM NINGUÉM
UMA PRÁTICA CRIADA, NASCIDA DESTA TERRA, MAS QUE ENTRE OS JOVENS NÃO CRESCE, EMPERRA

CADA CRUZAMENTO, CADA LAÇADA, NÃO SE APRENDE EM LIVRO NEM PÁGINA ESTUDADA
SÓ COM VONTADE E UM CORAÇÃO DISPOSTO SE PODE PRATICAR ESTA ARTE COM GOSTO
Ó VIME, NASCIDO DA TERRA E DO MAR, SÃO TANTAS AS HISTÓRIAS QUE PODES CONTAR
POIS O DOM DO SABER NÃO PODE SER COMPRADO, PERSISTE APENAS AQUANDO PARTILHADO



Contributors' bios

Notas biográficas

Amadea Kovič (CECC – Research Centre for Communication and Culture) is currently a Postdoctoral Fellow in Integral Human Development at CADOS (Universidade Católica Portuguesa), where she is working on a project that revolves around visual storytelling. She holds a PhD in Culture Studies from the Faculty of Human Sciences, Universidade Católica Portuguesa. Her PhD research, on contemporary feminist visual art in Portugal and Slovenia, was supported by the Research Centre for Communication and Culture through funding from the Fundação para a Ciência e a Tecnologia. She is a member of the Diffractions Editorial Board.

Amanda Tavares is a Research Fellow in Contemporary Art at Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, and a Talent Pool Co-Leader at CIRCUL'ARTs. She is the author of *Visualising the Mediterranean: Unlearning and Imagining through Contemporary Art* (Liverpool University Press, forthcoming 2027), and has developed research in areas such as archives, (im)material heritage, transnational memory, and food practices. Building on her experience of transdisciplinary projects, Amanda is particularly interested in how artistic practice can renegotiate tropes about migration, imperialism, and interculturality. Her work also focuses on the role of installations, performance, and multimedia art as spaces for political awareness and social engagement.

Holly Dale is an architect and researcher based in the Netherlands. Alongside her independent architectural practice, Holly teaches architecture at Delft University of Technology. Working across academia and architectural practice, she initiates and leads site-specific projects that examine the ways in which places come to be shaped by materials, labour, policy, economics, heritage, and everyday use. Her work looks at how these relationships can support more just and regenerative forms of practice.

Lamprini Chartofylaka is a Researcher in Educational Sciences with a PhD from Université des Antilles, and an associate researcher at both the CRREF laboratory (Université des Antilles) and the EDA laboratory (Université Paris Cité). Her work combines Design-Based Research with participatory, ethnographic, and

Amadea Kovič (CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura) integra atualmente o programa de pós-doutoramento em Desenvolvimento Humano Integral na CADOS (Universidade Católica Portuguesa), onde desenvolve um projeto centrado na narrativa visual. Tem um doutoramento em Estudos de Cultura pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. A sua investigação de doutoramento, sobre arte visual feminista contemporânea em Portugal e na Eslovénia, contou com o apoio do CECC, através de financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É membro do Conselho Editorial da revista *Diffractions*.

Amanda Tavares é investigadora em Arte Contemporânea no Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa e co-gestora do banco de talentos do projeto CIRCUL'ARTs. É autora de *Visualising the Mediterranean: Unlearning and Imagining through Contemporary Art* (Liverpool University Press, a publicar em 2027). Desenvolve investigação em áreas como arquivos, património (i)material, memória transnacional e práticas alimentares. Com experiência em projetos transdisciplinares, Amanda interessa-se particularmente pela forma como a prática artística pode renegociar tropos sobre a migração, o imperialismo e a interculturalidade. O seu trabalho centra-se também no papel da instalação, da performance e da arte multimédia enquanto espaços de consciencialização política e envolvimento social.

Holly Dale é arquiteta e investigadora radicada nos Países Baixos. Paralelamente à sua prática independente de arquitetura, Holly leciona arquitetura na Universidade Técnica de Delft. O trabalho de Holly atravessa os domínios académico, profissional e de cultura pública. Ela concebe e coordena projetos *site-specific* que examinam a forma como os lugares são moldados pelos materiais, pelo trabalho, pelas políticas, pela economia, pelo património e pelos usos quotidianos, e procura explorar de que modo estas relações podem contribuir para práticas mais justas e regenerativas.

Lamprini Chartofylaka é investigadora associada em Ciências da Educação nos laboratórios CRREF (Univer-

mixed methods to explore how context, culture, and digital tools shape learning, particularly among children. She has carried out fieldwork in the French Antilles (the Guadeloupe archipelago, including Terre-de-Haut and La Désirade, Saint-Barthélemy), Quebec, mainland France, Greece, and the Azores (São Miguel). Her interests include intercultural pedagogy, game-based and story-based learning, and food and digital citizenship education.

Mariana Lopes is the coordinator of RARA – Residência de Artesanato da Região dos Açores (Craft Residency of the Azores Region). She holds a Master's degree in Architecture from the University of Porto, having also undertaken a period of study in Rio de Janeiro, Brazil. She practised architecture for several years with a number of firms in Porto, where she also took a professional photography course at the Portuguese Institute of Photography (2013–2015). She participated in multiple group exhibitions, garnering an honorable mention in the 2016 FNAC New Talents in Photography Prize. She moved to the Azores in 2017 and began a part-time collaboration with Anda&Fala Associação Cultural, which evolved into a full-time partnership in 2023. Today, alongside her work with Anda&Fala, she continues to develop projects in the realms of photography and architecture.

Morana Jarec is a social anthropologist based at the Institute for Anthropological Research in Zagreb, Croatia. She is a Talent Pool Co-Leader at CIRCUL'ARTs and the Principal Investigator of the SUSTAINWELL research project (Multilevel Sustainability as a Prerequisite for Health and Wellbeing). As both an anthropologist and Head of her organisation's Project Management Unit, she collaborates on a number of highly interdisciplinary, EU-funded projects. Morana's current research and publication work focuses on creative approaches to building a sustainable future, and pays particular attention to do-it-yourself practices, reuse, repurposing, upcycling, and the work of NGOs.

Seran Demiral is a children's and science fiction author, as well as a Philosophy for Children/Communities (P4C) trainer. A prolific writer, she has published more than ten novels for children and young adults. With a background in architecture and sociology, she weaves social issues into

sité des Antilles) e EDA (Université Paris Cité). O seu trabalho combina investigação baseada no design com métodos participativos, etnográficos e mistos para explorar a forma como o contexto, a cultura e as ferramentas digitais influenciam a aprendizagem, em particular entre as crianças. Doutorada pela Université des Antilles, Lamprini realizou trabalho de campo nas Antilhas Francesas (arquipélago de Guadalupe, incluindo Terre-de-Haut e La Désirade, e Saint-Barthélemy), no Quebeque, na França continental, na Grécia e nos Açores (São Miguel). Os seus interesses incluem a pedagogia intercultural, a aprendizagem baseada em jogos e narrativas, e a educação alimentar e para a cidadania digital.

Mariana Lopes é coordenadora da RARA – Residência de Artesanato da Região dos Açores. É mestre em Arquitetura pela Universidade do Porto e realizou também um período de estudos no Rio de Janeiro, no Brasil. Exerceu arquitetura durante vários anos em diversos gabinetes na área do Porto, onde frequentou também um curso de fotografia profissional no Instituto Português de Fotografia (2013–2015). Participou em várias exposições coletivas, tendo recebido uma menção honrosa no Prémio Novos Talentos FNAC de Fotografia de 2016. Mudou-se para os Açores em 2017 e iniciou uma colaboração a tempo parcial com a Associação Cultural Anda&Fala, a qual se tornou numa parceria a tempo inteiro em 2023. Atualmente, a par do trabalho na Anda&Fala, continua a desenvolver projetos nos domínios da fotografia e da arquitetura.

Morana Jarec é antropóloga social no Instituto de Investigação Antropológica de Zagreb, Croácia. É co-gestora do banco de talentos do projeto CIRCUL'ARTs e investigadora principal do projeto SUSTAINWELL (Sustentabilidade Multinível como Condição Prévia para a Saúde e o Bem-Estar). Enquanto antropóloga e responsável pela unidade de gestão de projetos da sua organização, colabora em várias iniciativas de caráter altamente interdisciplinar financiadas pela UE. A investigação e a produção escrita atuais de Morana centram-se em abordagens criativas para a construção de um futuro sustentável, com particular atenção às práticas *do-it-yourself* (faça-você-mesmo), à reutilização, ao reaproveitamento, ao *upcycling* e ao trabalho das ONG.

her fiction and brings her experience with children and young people into her academic work. As an associate professor of sociology, Seran's research incorporates arts-based methodologies, so as to foster creative and participatory approaches to understanding youthful subjectivities and cultures. She works as a postdoctoral researcher at the University of Porto, with the MSCA ERA project GENARTMENT. She is also a co-leader of Working Group 3, Technology and Innovation, in the COST Action (CA22167) PAAR-net.

Valbona Fejza is an architect and artist based in Skopje. In 2018, she earned her Master's degree in Architecture from the Ss. Cyril and Methodius University in Skopje. She was one of the co-authors of the Macedonian Pavilion at the 2018 Venice Biennale of Architecture, and was a selected fellow at both the LINA Platform and the Future Architecture Platform. Valbona is currently working as a Consultant Architect at the Ministry of Social Policy, Demographics, and Youth in North Macedonia, while remaining active in the art and architecture sectors. She is also a co-founder of Puzzle, a collective of young architects dedicated to research-driven practice. Her work is particularly interested in site-specific interventions and installations that combine art and architecture, often emerging through processes of research, observation, and engagement with local communities and their specific contexts. ■

Seran Demiral é autora de literatura infantil e de ficção científica, assim como formadora em Filosofia para Crianças/Comunidades (P4C). Escritora prolífica, publicou mais de dez romances para crianças e jovens adultos. Com formação em arquitetura e sociologia, entretece questões sociais na sua ficção e traz a sua experiência com crianças e jovens para o seu trabalho académico. Enquanto professora associada de Sociologia, Seran incorpora metodologias baseadas nas artes na sua investigação, com o objetivo de promover abordagens criativas e participativas para a compreensão das subjetividades e culturas juvenis. É investigadora de pós-doutoramento na Universidade do Porto, no âmbito do projeto MSCA ERA GENARTMENT. É também cocoordenadora do Grupo de Trabalho 3, Tecnologia e Inovação, da COST Action (CA22167) PAAR-net.

Valbona Fejza é arquiteta e artista radicada em Skopje. Em 2018, concluiu o mestrado em Arquitetura na Universidade Ss. Cyril and Methodius daquela cidade. Foi uma das coautoras do Pavilhão da Macedónia na Bienal de Arquitetura de Veneza de 2018 e foi selecionada como *fellow* das plataformas LINA e Future Architecture. Valbona trabalha atualmente como arquiteta consultora no Ministério da Política Social, Demografia e Juventude da Macedónia do Norte, e mantém atividade nos setores da arte e da arquitetura. É também cofundadora do Puzzle, um coletivo de jovens arquitetos dedicado à prática com base na investigação. O seu trabalho foca-se particularmente em intervenções e instalações *site-specific* que combinam arte e arquitetura e que, muitas vezes, emergem de processos de investigação, observação e envolvimento com as comunidades locais e os seus contextos específicos. ■

ISBN
Printed/Impresso: 978-989-53151-3-0
Digital: 978-989-53151-4-7

Depósito Legal: n.º [Número atribuído]/[Ano]

Circulating Craft Knowledge: Reflections on Materials, Artisans and Traditions from São Miguel, Azores
Circulação do Saber Artesanal: Reflexões sobre Materiais, Artesãos e Tradições de São Miguel, Açores

A Project Within / No Âmbito do Projeto
Cost Action 23117: Connecting Critical Pedagogies, Inclusive Art Forms and Alternative Barometers for Urban Sustainability - CIRCUL'ARTs

Published by / Publicado por
CADA - Centro de Artesanato e Design dos Açores (Azores Centre for Crafts and Design)

Editors / Coordenação Editorial
Amanda Tavares, Morana Jarec

Authors / Autoras
Amadea Kovič, Amanda Tavares, Holly Dale, Lamprini Chartofylaka, Morana Jarec, Seran Demiral, Valbona Fejza

Photographs / Fotografias
©Holly Dale: pp. 19-21, 23.
©Hugo França: pp. 5-7, 9, 68.
©Mariana Lopes: pp. 11, 29, 31, 35, 37-38, 41, 43-44, 46, 51-52, 55, 63.

Maps, Diagrams, Sketches and Drawings / Mapas, Diagramas, Ilustrações e Desenhos
©Holly Dale: p. 23.
©Valbona Fejza: pp. 14-17.
©Amadea Kovič: pp. 24-27, 56-60.

Proofreading in English / Revisão em Inglês
Joe Edwardes-Evans (beforthcoming.com)

Translation to Portuguese / Tradução para Português
KennisTranslations

Graphic Design, Typesetting and Layout / Design Gráfico, Composição Tipográfica e Paginação
Aga Zdziabek

Printing / Impressão
Nova Gráfica | Açores

Print run / Tiragem
500

Cover image / Imagem da Capa
Basket weaving, ©Mariana Lopes
Cestaria, ©Mariana Lopes